

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Angela Fatima Oliveira da Cruz**

**ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA (AFAN's) – ÊNFASE NA  
CAMINHADA DE LONGA DISTÂNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA.**

**Porto Alegre**

**2014**

**Angela Fatima Oliveira da Cruz**

**ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA (AFAN's) – ÊNFASE NA  
CAMINHADA DE LONGA DISTÂNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA.**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito  
parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Educação  
Física.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

**Porto Alegre  
2014**

Angela Fatima Oliveira da Cruz

**ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA (AFAN's) – ÊNFASE NA  
CAMINHADA DE LONGA DISTÂNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA.**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito  
parcial para obtenção do título  
de bacharel em Educação  
Física.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu esposo,  
Marco Aurélio Schneider  
aos meus pais,  
Cilsa e Joelson Cruz  
aos meus irmãos,  
Marcelus e Robson Cruz.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu marido Marco Aurélio Schneider, pela paciência e incentivo durante toda a minha graduação.

Aos meus pais e meus irmãos, pelo apoio e estímulo.

Ao professor Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, pela paciência e pelo incentivo à pesquisa e especialmente ao meu trabalho. A tranquilidade, que sempre me passou, foi fundamental para a elaboração deste trabalho.

Aos professores do curso de Bacharelado em Educação Física/UFRGS, pelo conhecimento passado nas aulas, fundamentais para meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos meus amigos organizadores do Desbravando Nova Petrópolis, que sempre deram apoio à minha formação, compreenderam minha ausência em diversos momentos e instigaram a busca pelo conhecimento.

Aos meus alunos de Yoga, pelo apoio e incentivo durante minha graduação.

Ao meu colega de trabalho Marcos Caetano Corrêa, pela revisão do trabalho.

Aos meus colegas e chefia da PROPG/UFRGS, pelo apoio durante este período conturbado.

A todos aqueles que fizeram parte desta caminhada em algum momento, de alguma forma.

“Caminante, son tus huellas  
el camino y nada más;  
caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar.  
Al andar se hace camino,  
y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca  
se ha de volver a pisar.  
Caminante, no hay camino,  
sino estelas en la mar.”

Antonio Machado  
Poeta Espanhol

## RESUMO

O presente estudo buscou coletar informações sobre a prática das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN's), com ênfase na caminhada de longa distância (trekking) no Brasil, país com grande potencial nesta área do turismo. O estudo foi organizado na forma de uma revisão de literatura, buscando conhecer o que se produz no Brasil e no exterior sobre o assunto. Durante a pesquisa, chamou atenção o grande número de atividades deste gênero desenvolvidas e se levantou o questionamento sobre quem está ocupando esta porção do mercado que faz parte da cultura corporal do movimento. Desta forma se buscou informações sobre a regulação do mercado de turismo de aventura e as competências exigidas de guias e empresas que exploram comercialmente as AFAN's e complementando esta linha de pensamento, buscaram-se informações sobre a formação do profissional de Educação Física e as oportunidades de vivências das AFAN's pelos alunos de graduação de diversas instituições federais de ensino superior.

**Palavras-Chave:** Caminhadas. Caminhadas na natureza. Trekking. Atividades Físicas de Aventura na Natureza. Hiking. Turismo de Aventura. Caminhadas de longa distância.

## **ABSTRACT**

The following research aims to collect informations about the practice of Adventure Physical Activities in Nature, with emphasis on long-distance hiking (trekking) in Brazil, a country with huge potential in this area of tourism. This research was organized in the form of a literature review, hoping to know what is produced in Brazil and abroad about this subject. During the research, the huge number of this gender of activities in development was emphasized, that's why, the questioning about who is engrossing this portion of the Market that makes part of the body culture movement emerged. Thus, we looked for information about adventure turism regulamentation and the required skills for guides and companies that explore commercially the practice of Adventure Physical Activities in Nature and complementing this line of thought, we looked for information about the training of physical education professionals and the oportunities to make part of the trekking by graduation students from several federal institutions of Higher Education.

**Palavras-Chave:** Trekking. Adventure Physical Activities in Nature. Hiking. Adventure Tourism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Contextualização do estudo.....	12
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>16</b>
3.1 Atividades Físicas de Aventura na natureza – AFAN’S.....	16
3.2 Caminhadas de longa distância na natureza.....	23
3.3 Regulamentação do Turismo de Aventura no Brasil.....	31
3.4 As AFAN’s e os Currículos de Cursos de Educação Física no Brasil.....	36
3.4.1 Currículos de Cursos de Educação Física no Brasil.....	41
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>5 REFERENCIAL.....</b>	<b>45</b>
<b>6 ANEXO A – LISTA DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema central a prática de Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN's – (BETRÁN; BETRÁN 1995b), com ênfase na caminhada e na caminhada de longa distância realizada em áreas rurais ou aonde o "desenvolvimento urbano" ainda não chegou totalmente. Essa modalidade faz parte das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), sistematizado por Betrán e Betrán em 1995, sendo denominada de trekking (caminhada de longa distância), se durar mais de um dia ou hiking (caminhada) se for desenvolvida em apenas um dia ou turno.

O interesse pelo estudo do tema vem da minha experiência pessoal na organização de atividades desse tipo, nasceu como curiosidade sobre o porquê as pessoas caminham, colocando-se em situações de extremo desgaste físico, onde o preparo emocional tem muito mais força e poder do que as reais capacidades físicas do indivíduo, sendo que não existe competição entre os participantes, não existe prêmio no final do caminho, a única compensação é o prazer e a realização pessoal por cumprir os quilômetros.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, minha atenção foi “fisgada” por um ponto muito pertinente dentro da prática das AFAN's: Quem está organizando e explorando este mercado? Qual a formação e conhecimento deste indivíduo? Quem regula e legisla sobre este segmento? Em razão destes questionamentos, o foco do trabalho mudou consideravelmente, passando a se preocupar com a formação oferecida pelos cursos de nível superior em Educação Física, que lançam, no mercado de trabalho, milhares de profissionais todos os anos. Estes profissionais acabam “lutando” entre si em um mercado extremamente competitivo que é o do fitness, deixando aberto diversos espaços da cultura corporal, abrindo um vácuo no qual profissionais ou apenas práticos de outras áreas, como o Turismo, a Ecologia e a Biologia acabam por ocupar.

A prática de caminhadas pelo interior de municípios com grande potencial em turismo ecológico tem crescido exponencialmente nos últimos anos, levando centenas de pessoas a realizar esse tipo de atividade todos os finais de semana. Muitos desses eventos são organizados pelas prefeituras, dentro de programações festivas, mas também existem empresas e até mesmo guias autônomos que organizam e realizam essas práticas.

Esse é um mercado em expansão, que tem sido explorado principalmente, por guias e agências de turismo, muitos desses organizadores sem o conhecimento necessário para

orientar atividades físicas, mas que atuam livremente por não existir legislação que regule a atividade. A regulação e o controle desse mercado estão nas mãos de entidades civis, em especial a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), que reúne as principais operadoras desse tipo de turismo no Brasil. A referida instituição tem como objetivo principal regular e certificar as agências operadoras do turismo de aventura, utilizando-se também, das normas técnicas expedidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), sobre boas práticas na natureza e segurança na prática de atividades de aventura.

Existe toda uma preocupação em relação ao registro e controle das atividades de agências de turismo, com ênfase no treinamento e conhecimento de guias turísticos, mas sem a exigência de formação superior, bastando cursos modulares que permitem ao guia levar pessoas por ambientes naturais com relativa segurança. De acordo com Marinho (2005),

devido ao atual interesse por tais práticas, propulsionado com amparo mercadológico, as mesmas têm recebido um crescente número de adeptos de diferentes formações culturais, faixas etárias, níveis sociais, campos de atuação profissional, tornando-se um instigante desafio, no que tange ao respaldo e conhecimentos necessários para uma atuação prática com qualidade e que possa favorecer experiências verdadeiramente significativas.

Levando em conta este quadro, da atual forma de exploração do turismo de aventura no Brasil, surgiu uma inquietação sobre as competências para implantar, coordenar e desenvolver atividades físicas – área de atuação do profissional de Educação Física – e o turismo de aventura na natureza – área de atuação do turismólogo e guias turísticos. Com isso buscou-se informações sobre esses campos do saber, em especial sobre a forma que os cursos de graduação em Educação Física tratam desse assunto em seus currículos acadêmicos, uma vez que a maior parte da atuação profissional nesta área está baseada no “saber fazer” (CORRÊA, 2008), busca dados sobre a regulamentação para o exercício profissional como guia de atividades na natureza no Brasil, reflete sobre o processo de formação em Educação Física e as AFAN's e tenta contribuir com a formação e atuação do profissional de Educação Física nesta área.

Na pesquisa literária sobre as AFAN's, observou-se muitos trabalhos envolvendo as possibilidades econômicas que elas trazem, em especial na área do turismo de aventura, inseridas em atividades de lazer e diversão, além das possibilidades de desenvolvimento das regiões e valorização dos povoados e moradores onde estas se desenvolvem. Também se observou uma grande quantidade de trabalhos envolvendo a ecologia, muito em função da

possível consciência ecológica que tais práticas, inseridas na Educação Ambiental, podem trazer.

Este trabalho ganha importância, tendo em vista que não foram encontrados, na literatura, estudos que abordem as caminhadas de longa distância, atividade que é cada vez mais procurada e praticada por centenas de pessoas todos os dias. Também mostra relevância à discussão sobre as competências para exercer a atividade profissional neste ramo que é tanto do turismo, quanto da Educação Física. Desse modo, no desenvolver deste estudo, foi realizada uma síntese dos trabalhos encontrados nas bases de dados sobre as AFAN's, buscando compreender este fenômeno próprio da sociedade pós-moderna e procurando dissertar sobre as caminhadas de longa distância, caracterizando esta prática dentro da cultura corporal do movimento, além de refletir sobre as possibilidades deste mercado de trabalho para o profissional da Educação Física.

## **1.1 Contextualização do Estudo**

Os motivos que deram origem a este trabalho têm a ver com minha experiência pessoal nesse tipo de atividade física. Desde 2007, estimulada por uma amiga, participo de caminhadas pelo interior do município de Nova Petrópolis/RS, um local que ainda mantém uma extensa zona rural e que tem como principais fontes de renda a produção leiteira, a agroindústria e o turismo.

No interior de Nova Petrópolis concentram-se atrativos naturais dos mais variados, desde vales com rios, como o do Rio Caí, zona de grande produção de hortifrutigranjeiros, passando por morros de vegetação fechada, que fazem parte da Mata Atlântica, onde ainda é possível ver bugios, gralha azul, lobo guará, entre outros animais ameaçados de extinção. Esses locais costumam ser cortados por diversas estradas de chão-batido, por onde ocorre o escoamento da produção leiteira e de outros produtos que os “colonos” (forma como são chamados os moradores das áreas rurais) produzem.

Ao andar por estas estradas podemos observar, não apenas os morros, vales e vegetação abundante, mas também casarios antigos, que datam da época da colonização da região, na sua maioria de descendência germânica, com suas construções seculares, guardando lembranças de sua terra natal. As casas enxaimel são um atrativo a parte no caminho: algumas perfeitamente conservadas e outras em estado de deterioração, levando

desde sensações de deslumbre até mesmo de melancolia pelos tempos passados e abandonados à mercê do tempo e do descaso de alguns de seus descendentes.

Enquanto participava de caminhadas, que variavam entre 10 km a 15 km em municípios próximos a Nova Petrópolis, como por exemplo, Bom Princípio, Ivoti, Picada Café, São Vendelino e Vale Real ou me aventurando pela borda dos Cânions em Cambará do Sul, minha amiga/incentivadora, começou a participar de trajetos mais longos, que envolviam dois ou três dias de caminhadas, tanto no Rio Grande Sul, como em Santa Catarina, com distâncias acima dos 60 km, até que finalmente ela fez sua primeira travessia, percorrendo aproximadamente 150 km em cinco dias de caminhada pelo interior de Santa Maria/RS, passando pela Garganta do Diabo, um dos cartões postais mais rústicos e perigosos do estado.

Com toda a experiência adquirida e com o auxílio de uma professora de Educação Física, formada pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), organizamos diversas caminhadas pelo interior de Nova Petrópolis, oferecendo esses roteiros para turistas e demais moradores da cidade que tivessem interesse nesse tipo de atividade ao ar livre. Das dezesseis edições de caminhadas desenvolvidas, que envolveram desde 15 pessoas na primeira até em torno de 100 pessoas na última, em roteiros de no máximo 15 km, surgiu à ideia de nos aventurarmos na organização de um evento maior, com dois dias de duração e todos os detalhes que envolvem algo desse porte, desde local para pernoite com infraestrutura para banho e jantar, até carros de apoio com água e atendimento de emergência, se necessário.

Com isto nasceu o projeto “Desbravando Nova Petrópolis”, uma caminhada que está inserida no calendário oficial do município e que ocorre anualmente, que na primeira edição em 2009, contou com 59 participantes e na quinta edição, que ocorreu em fevereiro de 2014, foram 126 participantes. Os percursos variam entre 45 km na edição de 2009 até 67 km na edição de 2013, que contou com uma caminhada noturna na sexta-feira, véspera do evento principal. Para o ano de 2015, será repetida a caminhada noturna, com 12 km e o evento principal está estimado em 53 km, por estradas ao redor da localidade de Pinhal Alto, em Nova Petrópolis.

Enquanto organizávamos o referido projeto, fomos percebendo o crescimento das atividades desse tipo, tanto pela região de Nova Petrópolis como pelo estado do Rio Grande do Sul e no Brasil como um todo. A cada final de semana, dezenas de caminhadas desse tipo, sem contar atividades de ciclismo, montanhismo, rafting e demais atividades físicas desenvolvidas na natureza, ocorrem em todas as partes do estado e do país. Existem na internet, sites especializados em divulgar esse tipo de evento, como o Ecobooking

(<http://www.ecobooking.com.br>), que divulga caminhadas por todo o Brasil, com uma agenda mês a mês e grupos de discussão on-line, como o Caminhantes do Brasil ([caminhantes-do-brasil@yahoogrupos.com.br](mailto:caminhantes-do-brasil@yahoogrupos.com.br)), onde os caminhantes divulgam eventos e conversam, trocando experiências, organizando caronas ou fazendo comunicações sociais.

A quantidade de pessoas envolvidas em atividades físicas de aventura na natureza – AFAN's – é enorme e movimentam valores substanciais todos os finais de semana. Existem pessoas que sustentam suas famílias, organizando este tipo de atividade, pois cada caminhada ou atividade de aventura é cobrada de acordo com as vantagens oferecidas. Por exemplo, uma caminhada com aproximadamente 15 km de distância, que ofereça camiseta, água, frutas, carros de apoio e ambulância durante o percurso e almoço na chegada (considerando que se desenvolva pela manhã), tem um valor mínimo de R\$ 45,00 por pessoa. Alguns grupos oferecem ainda um seguro de vida pessoal, contratado no momento da inscrição e que cobre eventuais acidentes que a pessoa venha a sofrer durante a prática. Uma caminhada com mais dias de duração, que envolva várias refeições e pernoites, custa em torno de R\$ 150,00 por pessoa e dependendo do tipo de acomodação, se for feita em hotéis ou pousadas esse valor aumenta em função das diárias. Existem empresas especializadas nesse tipo de atividade para classe AA, cobrando valores em torno dos R\$ 500,00 ou mais para um dia de caminhada e com refeições ou pernoite em hotéis de luxo, principalmente na região dos Cânions/RS.

A organização destas atividades fica a cargo de vários tipos de profissionais, no entanto o mais comum é serem organizadas por pessoas que começam a praticar, tomam “gosto pela coisa” e descobrem uma forma de ganhar dinheiro com aquilo que mais gostam: andar no meio da natureza. Alguns desses organizadores são profissionais do turismo, com curso de ecoturismo reconhecido pela EMBRATUR, mas a grande maioria é composta por praticantes das modalidades de aventura na natureza.

No Brasil, inexistente legislação que controle a exploração de turismo de aventura. Dessa forma, utilizam-se as normas técnicas, marcos de normalização e certificação de guias em turismo de aventura, que não tem força de lei, não sendo obrigatório, portanto, seu cumprimento para a exploração da referida atividade.

## 2 METODOLOGIA

Como metodologia, utilizou-se uma revisão de literatura, tendo como objetos de consulta livros, artigos científicos, dissertações, monografias, teses e outras publicações tanto nacionais como estrangeiras, retiradas de fontes como bibliotecas (pessoal e pública), Google Acadêmico, SABI, Periódicos CAPES, página na internet da Casa Civil ([www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)), páginas na internet de diversas instituições de ensino superior e no site Google, uma das ferramentas de busca na internet mais utilizada na atualidade.

Esse tipo de pesquisa, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), coloca o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. Os mesmos autores afirmam que a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Para Manzo (1971 apud MARCONI; LAKATOS 2003), a bibliografia pertinente "oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente".

Partindo destes pressupostos, o trabalho desenvolvido buscou artigos que tivessem como base a caminhada de longa distância em meio natural. Levando em consideração que o material sobre esse assunto é limitado buscou-se também artigos que versassem sobre as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN's). No decorrer da pesquisa, verificou-se a importância de conhecer as bases legais brasileiras sobre o turismo de aventura e também a forma como as Universidades Públicas brasileiras, através do conhecimento de seus currículos, trazem este assunto para os alunos da graduação. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (MARCONI; LAKATOS, 2003).

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 Atividades Físicas de Aventura na natureza – AFAN’S

Em dezembro de 1985, o Simpósio Internacional La Glisse, realizado na Estação de Inverno Tignes, nos Alpes Franceses, começou a definir o que, naquele momento, se denominou “Novos Esportes”, englobando as novas práticas físicas que estavam se desenvolvendo em meio natural (BETRÁN, 1995). Utilizou-se esta denominação para diferenciar, da concepção clássica de esporte, as atividades desenvolvidas junto à natureza e que não apresentavam a competitividade e o regramento dos esportes institucionalizados, mas sim “um conjunto de práticas recreativas que surgem nos países desenvolvidos na década de 70 e se desenvolveram e se estenderam na seguinte e se consolidam no atual decênio, indo ao encontro dos novos hábitos e gostos da sociedade pós-industrial” (BETRÁN, 1995).

Várias foram as denominações dadas a estas atividades, de acordo com Betrán (1995) em seu dossiê sobre atividades físicas na natureza:

*novos esportes*, devido a seu caráter inovador;

*esportes de aventura*, em referência a busca do risco e da incerteza;

*esportes tecnoecológicos*, pela simbiose entre a natureza e a tecnologia, indispensável para sua prática;

*esportes em liberdade*, pela mínima sujeição à regras e ausência de entidades oficiais e as amplas possibilidades de práticas em meio natural;

*esportes californianos*, devido a origem de várias de suas práticas;

*esporte selvagem*, fortalecendo o caráter natural, aberto e incerto de sua prática;

*atividades deslizantes<sup>1</sup> de aventura e sensações na natureza*, em função de quatro parâmetros básicos: seu desenvolvimento em meio natural, o caráter deslizante de suas práticas, a produção de sensações corporais e o sentido de aventura;

*activitats esportives d’esbarjo i turístiques d’aventura<sup>2</sup>*, utilizando os termos turismo e recreação, banalizando o conceito de esporte.

Ainda em 1995, Betrán e Betrán escreveram um artigo onde propuseram uma classificação taxonômica das atividades físicas de aventura na natureza, que acabou se tornando referência para a denominação deste tipo de prática, facilitando a comunicação e a

---

<sup>1</sup> deslizante refere-se à prática de atividades na neve e na água, ambientes comuns na Espanha (neve) e na Califórnia (água), onde a maioria das atividades de aventura na natureza teve origem.

<sup>2</sup> original em catalão. Livre tradução: atividades esportivas de recreação e turismo de aventura.

divulgação do conhecimento. Neste artigo (BETRÁN; BETRÁN, 1995b), os autores consideram que o desenvolvimento e o crescimento desse tipo de prática, está diretamente ligado ao momento cultural vivenciado pela humanidade, a pós-modernidade, onde os jovens são o motor social deste tipo de prática e a natureza não é algo a ser “dominado”, mas sim conhecida e dessa forma desenvolvendo uma “consciência ecológica”. A pós-modernidade, de acordo com os autores, trás consigo um fortalecimento do individualismo, onde o indivíduo busca uma aventura imaginária, tendo emoções e sensações hedonistas em um ambiente ecológico ou natural. Esse tipo de comportamento também é descrito por Bauman (2007), quando analisa o corpo na sociedade de consumo, considerando esse como “autotélico”, constituindo o próprio fim e um valor em si mesmo. Ele ainda afirma que seu bem-estar é o principal objetivo de toda e qualquer busca existencial, assim como o principal teste e critério de utilidade, conveniência e desejo. Nesta mesma linha, Pereira e Félix (2002) afirmam que:

mais que o esforço, é importante que se sinta e busque o máximo prazer no que se faz. O hedonismo é, por efeito, um dos valores mais significativos na sociedade atual.

Ainda neste mesmo pensamento, Soto (2007) afirma que:

A sedução através da incerteza e do risco é o principal ingrediente das AFAN's. como também a busca de uma experiência emocionante e placentária, uma exposição imediata à estimulação sensorial e a perda transitória de consciência; uma exaltação do momento presente, uma reivindicação do individualismo e da vivência pessoal subjetiva; é um desfrute de múltiplos fragmentos de práticas simuladas, convertidas em espetáculo para os sentidos, onde prima o significante por cima do significado.

As AFAN's, como forma de manifestação da cultura corporal pós-moderna, trás junto de si significados muito mais profundos que apenas uma prática corporal, ele trás um rompimento com o paradigma do esporte tradicional, institucionalizado e competitivo, com valores intrínsecos, primando pelo prazer, pela liberdade, pela ecologia, pelo individualismo, etc, sendo uma alternativa ao esporte e representando a nova sociedade pós-moderna (BETRÁN; BETRÁN, 1995a).

No Brasil, as AFAN's encontraram um terreno propício para seu desenvolvimento: um vasto território físico, com diferentes cenários naturais, onde existe um litoral belíssimo e quase totalmente aproveitável, regiões serranas, florestas densas, cerrados, uma grande

quantidade de rios, além de um clima normalmente agradável, propício para a prática de atividades *outdoor*, levando o indivíduo à busca e experimentações diferenciadas.

Juntamente com esta facilidade para as práticas na natureza, surge a preocupação com o meio ambiente, pois o crescente consumo leva a degradação dos ambientes naturais, em maior ou menor grau, dependendo da prática desenvolvida. Betrán e Betrán em 1995, ao realizar a classificação das AFAN's, utilizaram como uma das formas de classificar, o impacto gerado pela prática, catalogando os diferentes grupos de práticas como altamente degradantes e de média ou baixa agressão, deixando claro que por menor que seja todas atentam contra a natureza.

A preocupação com a manutenção das áreas naturais em contraponto com as AFAN's é motivo de vários estudos em todo o mundo, e no Brasil isto não é diferente. Existem trabalhos e estudos sobre o impacto que as atividades na natureza causam aos ecossistemas. Pastor e Pastor (1997) afirmam que a Educação Física não apenas deve tratar a educação ambiental dentro do âmbito educativo, mas também possui uma situação privilegiada para seu desenvolvimento, tanto por seus conteúdos que são próprios, como por ser uma disciplina baseada principalmente nas experiências práticas e nas vivências pessoais, porém os próprios autores afirmam que a simples realização de atividades na natureza não cria a consciência ambiental, pois como bem colocou Marinho (2005):

Muitas vezes, os próprios envolvidos não sabem como proceder diante de determinadas situações na natureza e, por falta de conhecimento e não apenas por desrespeito, contribuem para os desgastes nos ambientes naturais.

A preservação ambiental é um assunto de extrema relevância e este trabalho não tem a pretensão de adentrar num tema tão importante e que deve ser discutido de forma séria e aprofundada.

Um dos motivos para as AFAN's terem se popularizado na sociedade atual, é a grande variedade de opções, um verdadeiro “cardápio” de vivências e emoções são oferecidas pelas operadoras de turismo de aventura, o indivíduo só precisa escolher aquela que melhor se encaixa em seu ideal de aventura. Betrán e Betrán afirmaram, em 1995, que o culto ao consumo, ao tempo livre, ao prazer são características fundamentais da sociedade pós-moderna e ainda complementam: “o hedonismo se converteu, desta maneira, no pilar básico da cultura moderna”.

Quando Betrán descreveu os diversos tipos de AFAN's, o fez baseado em características próprias de cada atividade. Utilizou critérios agrupados em cinco grupos, que compõem o desenvolvimento das atividades e que possibilitam a classificação de acordo com suas características intrínsecas e extrínsecas (BETRÁN; BETRÁN, 1995b).

**Quadro 1** – critérios para classificação das AFAN's

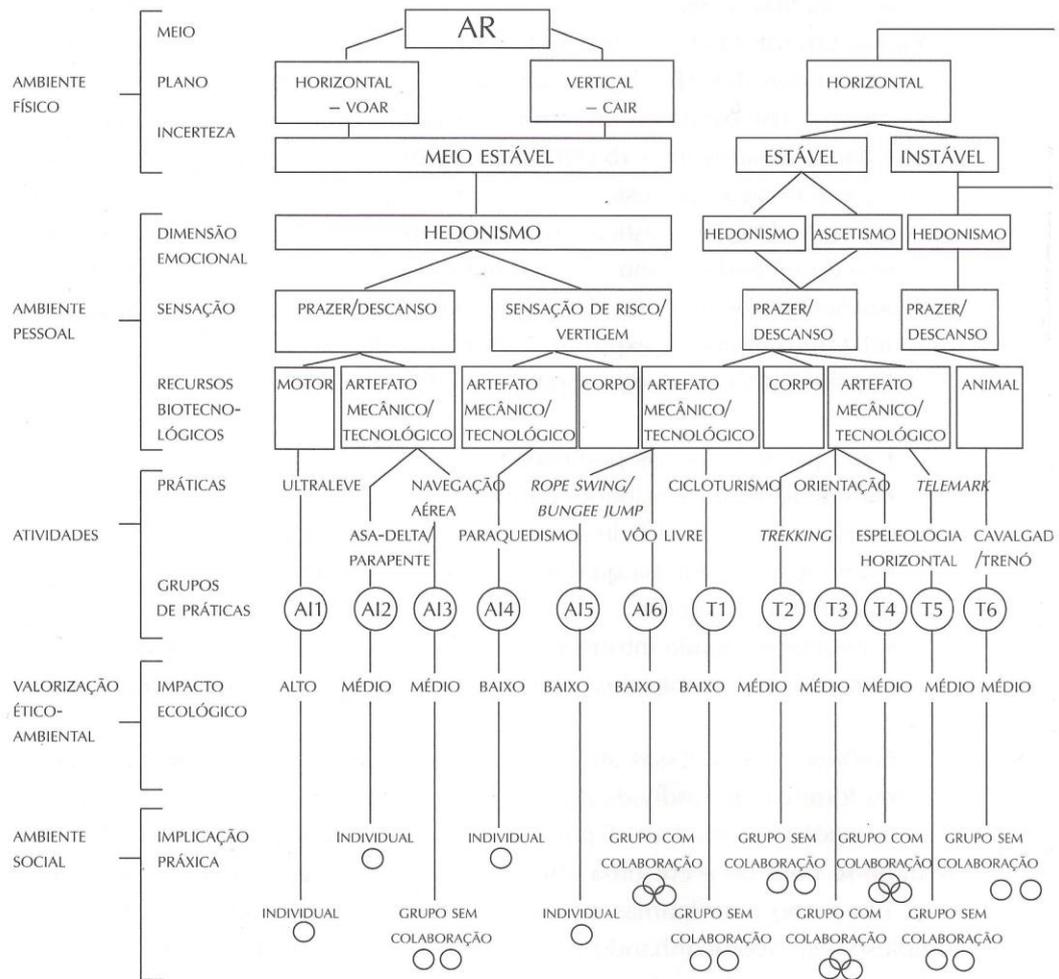
<b>CRITÉRIO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>Ambiente físico</b>	Lugar ou ecossistema no qual se realiza a atividade. Utiliza três critérios de classificação: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Meio – água, terra ou ar;</li> <li>2. Plano – horizontal ou vertical,</li> <li>3. Grau de Incerteza – estável ou instável</li> </ol>
<b>Ambiente pessoal</b>	Ponto de vista psicológico do próprio praticante. Utiliza três critérios de classificação: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Emocional – avalia as emoções que o praticante experimenta em relação às características da atividade e as diferenciando das hedonistas<sup>3</sup> e ascéticas<sup>4</sup>.</li> <li>2. Sensação – prazer e relaxamento, quando o praticante experimenta uma certa paz e harmonia, desfrutando da atividade e do ambiente, ou estress quando experimenta sensações de risco ou vertigem.</li> <li>3. Recursos Biotecnológicos – que o praticante emprega ao realizar a atividade. São quatro:               <ul style="list-style-type: none"> <li>• Artefatos mecânicos/tecnológicos – aparelhos idealizados e adaptados ao homem para a realização da atividade;</li> <li>• Artefatos de motor – necessitam de energia de propulsão para funcionar;</li> <li>• Corpo – auxiliado por alguns complementos possibilita o desenvolvimento da atividade,</li> <li>• Animais – atividades que se realizam com a ajuda ou suporte de um animal.</li> </ul> </li> </ol>
<b>Atividades</b>	32 atividades selecionadas, sendo agrupadas de acordo com suas características próprias.
<b>Valorização ético-ambiental</b>	A filosofia que inclui o gosto por este tipo de atividade indica um retorno do ser humano à natureza, forma parte do paradigma de desfrutar da natureza, pois esta se acaba e dos benefícios para o homem estas vivências com a degradação causada por este desfrute. Todas as atividades causam algum tipo de agressão, sendo classificadas em: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alta agressão</li> <li>• Média agressão</li> <li>• Baixa agressão</li> </ul>
<b>Ambiente social</b>	São atividades de forte caráter individualista, classificando-se em: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo com Colaboração – em grupo e colaborando para que a atividade siga adiante.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo sem Colaboração – simplesmente acompanhando um grupo e agindo de maneira individual, sem colaboração.</li> <li>• Individual – a realização da atividade é totalmente individual.</li> </ul>
--	--

Fonte: Betrán e Betrán, 1995b.

De acordo com estes critérios, temos as seguintes atividades:

**Figura 1-** Classificação das AFAN's



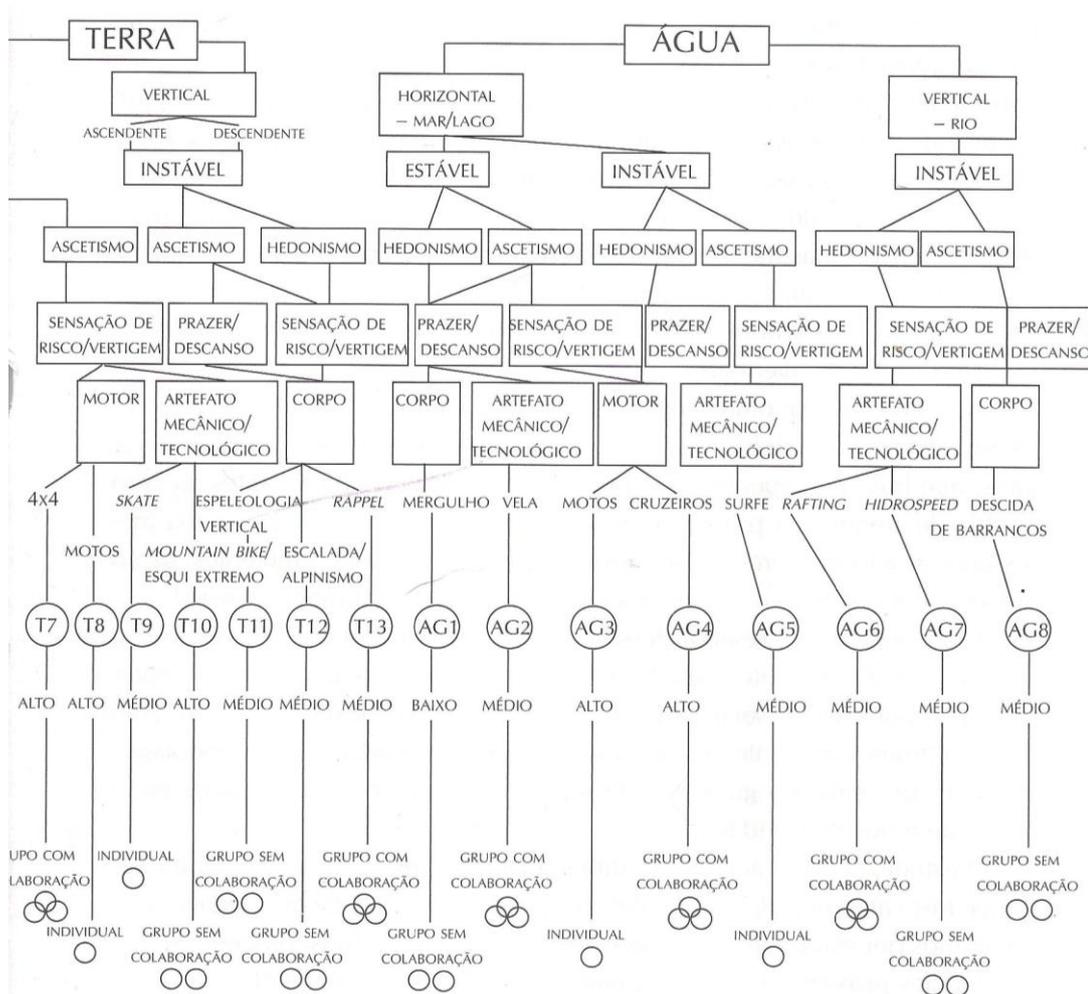
Classificação das AFAN (Olivera et al., 1995).

Fonte: Betrán, 2003.

<sup>3</sup> O modelo hedonista se fundamenta na ecologia e nos valores da nova sociedade pós-industrial, baseada nas referências ideológicas pós-modernas: a democratização do consumo e o hiper-individualismo narcisista que busca a realização pessoal, em suma o prazer. Betrán e Betrán, 1995b.

<sup>4</sup> O modelo corporal ascético está fundamentado no movimento desportivo contemporâneo, originário na Inglaterra. Baseia-se no conceito de que o esporte é o rendimento e a prática do esporte promove um corpo enérgico, fundamentado no esforço constante, que proporcione ao indivíduo a máxima performance possível, com o objetivo de chegar a vitória. É um claro reflexo da sociedade industrial e da modernidade. Betrán e Betrán, 1995b.

**Figura 2-** Classificação das AFAN's (continuação)



Fonte: Betrán, 2003.

No Brasil, o Ministério do Turismo, lançou em 2010 a 3ª edição do guia Turismo de Aventura: Orientações Básicas, onde lista as diversas atividades que compõem o segmento de turismo de aventura no país. São elas:

**Quadro 2 – Atividades na Terra**

Atividade	Descrição
Arvorismo	Locomoção por percurso em altura instalado em árvores ou em outras estruturas.
<i>Bungee jump</i>	Atividade em que uma pessoa se desloca em queda livre, limitada pelo amortecimento mediante a conexão a um elástico. O elástico é desenvolvido especificamente para a atividade.
Cachoeirismo	Descida em quedas d'água, seguindo ou não o curso d'água, utilizando técnicas verticais.
Canionismo	Descida em cursos d'água, usualmente em cânions, sem

	embarcação, com transposição de obstáculos aquáticos ou verticais. O curso d'água pode ser intermitente.
Caminhada	Percursos a pé em itinerário predefinido.
Caminhada (sem pernoite)	Caminhada de um dia. Também conhecida por <i>hiking</i> .
Caminhada de longo curso	Caminhada em ambientes naturais, que envolve pernoite. O pernoite pode ser realizado em locais diversos, como acampamentos, pousadas, fazendas, bivaques, entre outros. Também conhecida por <i>trekking</i> .
Cavalgadas	Percursos em vias convencionais e não convencionais em montaria, também tratadas de Turismo Equestre.
Cicloturismo	Atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos com o uso de bicicleta, que pode envolver pernoite.

Fonte: Brasil, 2010.

**Quadro 3** – Atividades na Água

<b>Atividade</b>	<b>Descrição</b>
Bóia-cross	Atividade praticada em um mini bote inflável, onde a pessoa se posiciona de braços para descer o rio, com a cabeça na extremidade frontal da boia e os pés na parte final da boia, já praticamente na água. Também conhecida como <i>acqua-ride</i> .
Canoagem	Atividade praticada em canoas e caiaques, indistintamente, em mar, rios, lagos, águas calmas ou agitadas.
<i>Duck</i>	Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis e remos, com capacidade para até duas pessoas.
Flutuação/ <i>Snorkeling</i>	Atividade de flutuação em ambientes aquáticos, com o uso de máscara e <i>snorkel</i> , em que o praticante tem contato direto com a natureza, observando rochas, animais e plantas aquáticas. Usualmente utilizam-se coletes salva vidas.
Kitesurfe	Atividade que utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa de tração com estrutura inflável, possibilitando deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar voos executados sobre superfícies aquáticas, com ventos fracos ou fortes.
Mergulho autônomo turístico	Produto turístico em que a atividade principal é o mergulho autônomo e o praticante não é necessariamente um mergulhador qualificado.
<i>Rafting</i>	Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis.
Windsurfe	Atividade praticada em ambientes aquáticos, também denominada prancha a vela, que se serve, basicamente, de técnicas do surfe e da vela.

Fonte: Brasil, 2010.

**Quadro 4** – Atividades no Ar

<b>Atividade</b>	<b>Descrição</b>
Balonismo	Atividade aérea feita em um balão de material anti-inflamável aquecido com chamas de gás propano, que depende de um piloto.
Paraquedismo	Salto em queda livre com o uso de paraquedas aberto para aterrissagem, normalmente a partir de um avião. Como atividade

	de Turismo de Aventura é caracterizada pelo salto duplo.
Voo Livre (Asa Delta ou Parapente)	Atividade com uso de uma estrutura rígida que é manobrada com o deslocamento do peso do corpo do piloto ou por superfícies aerodinâmicas móveis (asa delta), ou até por ausência de estrutura rígida como cabos e outros dispositivos (parapente).

**Fonte:** Brasil, 2010.

A diversidade de atividades é o grande diferencial desse segmento turístico e muitas vezes está relacionada a outros segmentos, variando sob diferentes aspectos, em função dos territórios e do tipo de atividades que são praticadas, habilidades e da motivação do turista (BRASIL, 2010).

A popularização da aventura é a chave para o sucesso das AFAN's, onde os maiores consumidores são os jovens, que ávidos por emoções e sensações fortes e variadas, buscam, nesse segmento, a realização de seus anseios.

### 3.2 Caminhadas de longa distância na natureza

Antes de discorrer sobre o tema das caminhadas de longa distância, ponto central deste tópico, é pertinente discutir um pouco sobre nomenclaturas utilizadas. Betrán e Betrán (1995b) realizaram uma tentativa de classificar as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN's), nesta classificação eles descreveram a prática do *trekking*, expressão que tem sua origem na língua *africâner*,

onde o verbo **trekken** significa migrar e carregava uma conotação de sofrimento e resistência física, numa época em que o único meio e locomoção era a caminhada. Quando os britânicos invadiram a região, a palavra foi absorvida pela língua inglesa e passou a designar as longas caminhadas realizadas pelos exploradores em direção ao interior do continente.

Soares, 2009

Eles caracterizaram essa prática como uma atividade desenvolvida em ambiente terrestre, num plano horizontal e de natureza estável (sem grandes incertezas no percurso), de caráter hedonista, pois apesar de ser realizada na maioria das vezes em grupos, a experiência é toda individual, não existindo colaboração entre os praticantes. O prazer, nessa prática, se encontra em vencer quilômetros, chegando ao objetivo, mas com baixa percepção de competitividade entre os praticantes. Em relação ao impacto sobre a natureza, o trekking

apresenta um médio impacto sobre o meio ambiente natural (BETRÁN; BETRÁN, 1995b). Funollet (1995), ainda complementa essa caracterização com a fonte energética utilizada, como sendo autogerada, pois toda a energia necessária para realizar a atividade é gerada pelo próprio praticante. O praticante não utiliza nenhuma máquina externa a ele para melhorar o rendimento, mesmo em locais em que não esteja adaptado.

No Brasil, a ABNT, através da norma ABNT NBR 15500 – Turismo De Aventura – Terminologia, define a atividade de caminhada da seguinte forma:

**Quadro 5:** Terminologia.

2.8	Caminhada	Percursos a pé em itinerário predefinido.
2.9	Caminhada (em turismo de aventura)	Atividade de turismo de aventura que tem como elemento principal a caminhada
2.10	Caminhada de longo curso	Caminhada em ambientes naturais, que envolva pernoite. NOTA: O pernoite pode ser realizado em locais diversos, como acampamentos, pousadas, fazendas, bivaques, entre outros.

Fonte: Norma Brasileira ABNT NBR 15500:2007.

A prática da caminhada pode ter duração variável, sendo trechos de um dia ou turno conhecidos como *hiking* e trechos mais longos, envolvendo mais de um dia de caminhada chamado *trekking* (MENEZES, 2000; SALVATTI, 2006 apud SANTOS, 2007).

Na experiência junto aos grupos de caminhantes, deparei com a expressão “ecocaminhada” ou “caminhada ecológica” para designar esse tipo de atividade. Ao buscar o referencial para este trabalho, percebi que ecocaminhada não é um termo utilizado pelos pesquisadores da área e nem mesmo pelas empresas que exploram comercialmente essa prática, porém o termo caminhada ecológica é muito utilizado por pesquisadores voltados para a ecologia e o meio ambiente. Apesar de ser comumente utilizado por praticantes dessa atividade física, ecocaminhada não é utilizada no meio acadêmico e do turismo de aventura, ficando seu uso restrito junto aos praticantes da modalidade.

Outra expressão comumente utilizada junto aos grupos de caminhantes de longa distância é “travessia”, que de acordo com o Dicionário Aurélio on line (<http://www.dicionariodoaurelio.com/travessia>), significa: *viagem ou passagem através de grande extensão de terra ou de mar*. Dentro das atividades de aventura, essa expressão costuma caracterizar atividades aquáticas de longa distância e também as caminhadas de

longa distância, com duração de mais de um dia, com pernoite no meio do percurso, vencendo centenas de quilômetros.

Caminhar é uma atividade inerente ao ser humano, que esteve e está ligada a várias atividades e necessidades, variando entre a sobrevivência (busca por alimentos ou locais mais seguros para viver), passando pelas peregrinações religiosas, movimentos políticos, migrações de refugiados e chegando ao caminhar por lazer. Desde que o mais antigo bípede já encontrado, o *Australopithecus anamensis*, encontrado no Lago Turkana, ao norte do Quênia, datando entre 3,9 a 4,1 milhões de anos (MUGGIATI, 2006, apud SANTOS, 2007), resolveu se levantar e andar ereto, o *Homo sapiens* evoluiu, conquistou muitos espaços e se tornou o único primata a percorrer distâncias tão vastas (WONG, 2007 apud SANTOS, 2007).

O mais antigo registro de uma caminhada com características humanas (pegadas fossilizadas de dois adultos e uma criança), foi encontrado em 1987 na Tanzânia Setentrional, com datação entre 3,8 a 3,5 milhões de anos (BRYSON, 2003 apud SANTOS, 2007).

A busca por melhores condições de sobrevivência, seja em razão do ambiente inóspito ou escassez de alimentos, levou o homem primitivo a realizar grandes migrações, desta forma começou a colonizar vários territórios (SANTOS, 2007), espalhando-se pela terra pré-histórica e desta forma povoando os continentes americano, europeu e asiático a partir da África. Wong (2007 apud SANTOS, 2007) afirma que da perspectiva evolutiva, a propensão para colonizar é uma das características distintivas de nossa espécie. A ausência de tecnologias forçou o hominídeo a realizar estas migrações a pé, caminhando e levando seus pertences nas costas. A invenção da roda e a domesticação de animais, entre eles os cavalos (MUGGIATI, 2006 apud SANTOS, 2007), facilitou o deslocamento e possibilitou a expansão dos domínios do *Homo sapiens*.

Apesar do desenvolvimento tecnológico, caminhar sempre ocupou lugar de destaque na história e no cotidiano humano (SANTOS, 2007), pois com o passar dos tempos e o desenvolvimento da civilização, o caminhar adquiriu outras perspectivas. As grandes peregrinações religiosas, hoje muito bem representadas pelo Caminho de Santiago de Compostela, que envolve países como França, Espanha e Portugal, levaram muitos fiéis a caminhar por devoção, milagre, cumprimento de uma promessa ou benefícios pessoais (GALLEGOS, 2007). Podemos citar como outros exemplos de caminhadas longas e famosas, além de Compostela, a Trilha Inca a Machu Pichu, no Peru, trilhas nos parques nacionais da Patagônia argentina e chilena, a grande travessia ao longo dos Apalaches, nos EUA, bem

como outras trilhas cruzando os Andes e os Pirineus na Europa e até mesmo entre as grandes montanhas do Himalaia, no Nepal (ABETA, 2009).

Também, no decorrer de distintas épocas ocorreram peregrinações nacionalistas, políticas e os refugiados de guerra, que levaram pessoas a se deslocarem de suas cidades e países em busca paz e de um lugar mais seguro para sobreviver.

Caminhar, por ser uma das atividades mais básicas do ser humano, sofreu grandes transformações ao longo do desenvolvimento da humanidade, deixando de ser apenas um meio de locomoção, adquirindo sentidos muito mais profundos, desde manifestações de protesto até a atividade física, incorporado ao lazer ou como exercício físico.

No Brasil, não se tem como afirmar quando começou a prática desta atividade, porém existem registros de caminhadas guiadas na Chapada Diamantina, em 1975, com guias locais, de forma bem informal. Foi a partir da década de 80, nas redondezas da Serra dos Órgãos/RJ, que o Turismo de Aventura começou a se profissionalizar e apareceram as primeiras agências de viagens e operadoras de turismo especializadas. Em meados de 1985, as primeiras empresas paulistas iniciaram suas operações nas mais diversas áreas do sudeste brasileiro (ABETA, 2009).

A caminhada de longo curso difere das demais AFAN's em alguns aspectos, principalmente operacionais. Entre as principais especificidades destacam-se a duração dos roteiros, onde o tempo que o praticante fica envolvido é bem maior que em outras atividades, a execução em áreas remotas. Uma vez que as caminhadas de maior duração acontecem, em geral, em locais distantes da sede de municípios, envolvendo grandes deslocamentos exigindo toda uma organização logística e autonomia para tomada de decisão por parte dos condutores, também conta com pouco ou nenhum apoio externo durante a execução, dificultando em grande parte a remoção, caso necessário. Necessita da participação direta do indivíduo, ou seja, algumas AFAN's permitem que o indivíduo seja mero expectador ou que o condutor execute por ele alguns procedimentos, no caso da caminhada de longo curso o indivíduo caminha com suas próprias pernas, caso um deles, por algum motivo, não consiga caminhar, a atividade pode ser interrompida ou adiada (ABETA, 2009).

Atualmente, existem diversos locais onde a prática de caminhadas e caminhadas de longo curso são desenvolvidas no Brasil. Entre elas podemos citar:

- Travessia Petrópolis/Teresópolis – 30 km feita de em três dias, aproximadamente (nível avançado);

- Caminho da Ilha em Florianópolis/Santa Catarina – 160 km, aproximadamente, em oito dias;
- Travessia dos Cânions entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul – vários percursos, que podem durar algumas horas até vários dias, dependendo de onde partiu e onde deseja chegar;
- Travessia dos Lençóis Maranhenses – 50 km, em três dias (com auxílio de veículos 4X4);
- Travessia Cassino/Chuí no litoral do Rio grande do Sul –250 km, feitos em 10 dias, aproximadamente;
- Subida o Monte Roraima, que combina a prática de caminhada com escalada – 100 km, feitos em vários dias, dependendo do preparo do caminhante;
- Trilha Serra da Pedra entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina – conjunto de trilhas indígenas, podendo ser feita em um dia ou vários, dependendo do preparo e disponibilidade;
- Caminho da Fé, entre Tambaú a Aparecida em São Paulo – 425 km, com duração de 15 dias, aproximadamente;
- Circuito Vale Europeu em Santa Catarina – 200 km em oito dias;
- Desbravando Nova Petrópolis, em Nova Petrópolis/RS – quilometragem variada em razão de o percurso ser sempre diferente, com duração de três dias;
- Trilha do Corvo Branco, em Urubici/SC – quilometragem variada, dependendo do preparo do praticante, pode durar 5 horas ou vários dias;
- Travessia Lençóis/Andaraí, na Chapada Diamantina, baixo nível de dificuldade, com aproximadamente 70 km percorrida em 3 a 5 dias;
- Caminho de Anchieta, entre as cidades de Vitória e Anchieta no Espírito Santo – aproximadamente 100 km, feito em três ou quatro dias,
- Chapada dos Veadeiros – Travessia Leste, com aproximadamente 90 km, realizada em cinco dias.

Estas são apenas algumas das diversas trilhas, travessias, caminhos que existem no Brasil. Além dos percursos já estabelecidos, vários outros vão sendo formados, em função da

demanda e do consumo por novos e diferentes locais. Também existe a possibilidade de personalização do roteiro, em função do desejo do “cliente”, aumentando ou diminuindo os caminhos, respeitando as necessidades/capacidades do indivíduo de realizar o percurso e também oferecendo atividades opcionais, para o indivíduo “se sentir dono do próprio nariz para construir sua própria experiência” (ABETA, 2009).

A caminhada de longo curso aparentemente se caracteriza por um perfil de público aventureiro, jovem, bem condicionado fisicamente (ABETA, 2009), porém não é raro encontrar famílias com crianças, idosos das mais variadas idades, atletas amadores, iniciantes na atividade e pessoas que só querem um contato com a natureza. Conhecer estes diferentes indivíduos e adequar à atividade as suas necessidades, fazem parte da rotina de um organizador de caminhada de longa distância.

Todos os dias, mais pessoas aderem à prática da caminhada, como colocou Mainieri em 2008,

Podemos considerar também o fato, que dentre os diferentes tipos de exercícios aeróbicos, a caminhada, geralmente é indicada como base preparatória para as demais atividades físicas, justamente pela ausência virtual de riscos e pela facilidade de execução.

Com isto, podemos prever que cada vez mais as pessoas acabam buscando novos caminhos para cumprir, passando para caminhadas mais longas em áreas urbanizadas até que começa a caminhada em ambientes diferenciados, como áreas rurais, praias, serra e em percursos muito maiores, fortalecendo suas percepções do ambiente, em uma experiência de alto perfil hedonista.

Vários são os motivos que levam as pessoas a caminhar, Mainieri (2008) coloca que “todas as motivações se convergem em um ponto: a busca pelo lazer”, sendo reforçado por Gasquez (1986 apud MAINIERI, 2008):

É fundamental fazer de suas caminhadas um prazer, nunca uma obrigação. E para isso nada melhor do que fazer de seus exercícios na cidade uma preparação para caminhar na natureza, onde em muitos momentos o seu coração vai ser bem exigido.

De acordo com a ABETA, no Manual de Boas Práticas – Caminhada e Caminhada de Longo Curso (2009), existem cinco perfis de clientes que consomem este tipo de produto turístico:

**O curioso:** o cliente curioso é aquele que deseja conhecer novas experiências. Conhece pessoas que realizam caminhadas de longo curso por conta própria e resolve experimentar de uma forma segura, contando com os serviços de uma operadora de turismo. Já ouviu falar sobre o tema, desconhece equipamentos e não tem experiência nenhuma no assunto. É um público interessante, pois quando gosta da atividade acaba voltando em outros momentos e atrai novos curiosos com ele. Pode até fazer mais de uma vez o mesmo roteiro. Não costuma gerar problemas, pois está muito aberto à nova experiência.

**O caminhante de carteirinha:** este tipo de cliente é aquele que fica esperando o feriado ou as férias para conhecer um novo destino ou realizar uma nova caminhada. Como caminha com frequência, tem seus próprios equipamentos, experiências e conhecimentos de lugares, às vezes, até superior ao próprio condutor da caminhada. São exigentes, pois possuem referências de outras operações, inclusive fora do Brasil. São um bom indicador para que você verifique a qualidade de sua operação. São formadores de opinião, podendo incentivar que outros clientes com o mesmo perfil venham caminhar com você no mesmo roteiro ou em outros. Provavelmente este cliente não fará a mesma caminhada mais de uma vez com sua empresa, mas poderá fazer em outros destinos.

**O estudioso:** este tipo de cliente entra em grupos comerciais aproveitando a estrutura e a segurança que a mesma oferece, mas normalmente o seu foco não é a caminhada em si, mas aquilo que verá ao longo do percurso. O condutor pode aprender muito com este tipo de cliente e tornar o roteiro ainda mais interessante. Não é um cliente muito exigente na maioria das vezes, desde que consiga fazer os levantamentos ou registros a que se propôs durante a caminhada. Uma vez tendo um propósito de viagem diferente do restante do grupo, pode gerar algum tipo de conflito, principalmente quando começa a gerar atrasos em consequência de paradas para fotografia ou anotações, por exemplo.

**O atleta:** o cliente atleta está acostumado a fazer caminhadas de longo curso. Normalmente o faz sozinho, na cara e na coragem, utiliza serviços de empresas especializadas apenas em locais desconhecidos ou com pouca informação, mas considera que em um segundo momento já poderia estar ali guiando um grupo. Em geral, tem um ritmo de caminhada forte, que destoa da maioria dos demais clientes. Como tem sempre muita disposição, pode auxiliar o condutor em vários momentos da trilha. Importante que o condutor consiga dosar o ritmo para que o grupo consiga acompanhar.

**O com outras intenções:** este tipo de cliente muitas vezes é a grande incógnita da viagem. Você não consegue perceber se ele está gostando ou odiando estar naquele local e com aquelas pessoas. Normalmente este tipo de cliente está ali por motivos que não necessariamente estão associados à caminhada e, sim, à perda de peso, ou à vontade de se ver livre de problemas do seu dia a dia, ou se recuperando de um forte momento de estresse, ou após o término de um casamento etc. Este tipo de cliente exige do condutor uma atenção especial, pois o mesmo pode ver no condutor outras intenções além daquela de assistir igualmente a todos os clientes. Pela fragilidade emocional que se encontram, requerem atenção em momentos que ficam sozinhos ou em situações de risco elevado. Independente do perfil do público que compra um produto de caminhada de longo curso, cabe ao condutor rapidamente identificar as características e os propósitos de cada um dos participantes para que saiba lidar com eles. Um momento importante é o do briefing, quando todos se apresentam e falam

de suas expectativas. O condutor precisa imprimir logo nas primeiras horas de caminhada o espírito de trabalho em equipe, deixando sempre claro que o sucesso da atividade depende de todos. Essa “divisão” de responsabilidades faz com que cada um tenha maior iniciativa, deixe de lado pensamentos individualistas e coopere em favor do grupo. Ao estabelecer este vínculo entre pessoas que nunca se viram, o condutor consegue fazer com que, mesmo nos momentos mais difíceis, todos estejam unidos, dispostos e felizes por estarem ali.

Vários são os motivos que levam o indivíduo a buscar este tipo de prática, entre eles, podemos citar as observações de Mainieri (2008), que no seu estudo com 134 indivíduos, participantes de um grupo de caminhantes com base na cidade de Porto Alegre/RS, utilizando como ferramenta de pesquisa um questionário elaborado com questões abertas e fechadas, observou que mais de 80% dos indivíduos entrevistados afirmou que pratica caminhada ecológica para fugir da cidade, quase 50% afirmou que busca uma atividade física, sendo que em torno de 45% dos homens, tem como segundo motivo mais importante o convívio social e para 52% das mulheres é de realizar uma atividade física.

Gallegos, Juan e Montes (2007) pesquisaram as motivações de 1.071 sujeitos que fizeram o Caminho de Santiago de Compostela, tanto a pé, quanto de bicicleta no ano de 2003. O estudo utilizou um questionário próprio, denominado “*Cuestionario para el análisis de las expectativas, hábitos de actividad físico-deportiva y estilo de vida (CAEHAFDEV)*”, ao responder o questionário, foi estimulado que os sujeitos marcassem mais de um item. Entre os resultados obtidos do grupo que caminhou, verificou-se que 70% dos indivíduos consideraram que a experiência pessoal e de vida é o maior motivador para realizar a rota, seguida pela apreciação dos atrativos artísticos e culturais do caminho, fugir da vida cotidiana ficou com aproximadamente 57% das respostas e a prática de atividade física ficou em 4º lugar com aproximadamente 55% das respostas.

Pesquisando um grupo de estudantes de Educação Física da UNIJUÍ, que tiveram práticas junto à natureza, em atividades orientadas como rapel, arvorismo, tirolesa, trekking, canoagem, entre outras na terra e na água, que fez parte do componente curricular Atividades Físicas e Esportivas na Natureza, no ano de 2012, Bertollo e Bertollo, verificaram em depoimentos colhidos que, ao executá-las, os sujeitos emergem para um mundo de novas possibilidades, sejam elas emocionais, sociais ou físicas. Também consideraram que, as atividades físicas na natureza se transformam em fortes aliados para produzirem prazer e o sentimento de “quero mais”. Os autores colocam que, as práticas na natureza (re) significam

valores sociais, por intermédio de experiências ricas que causam sensações e emoções não sentidas no cotidiano.

Marinho (2007), já afirmava que as atividades de aventura na natureza permitem certo afastamento de expressões céticas e individualistas que permeiam o cotidiano urbano, através de relações humanas mais diretas e intensas, agregando doses de aventura. Isto pode ser visto em Manieri (2008), onde um dos motivos mais importante citado pelos entrevistados foi justamente o convívio social e também no depoimento do Acadêmico C em Bertollo e Bertollo (2012):

outro fato que me marcou muito nesta maravilhosa experiência, além de ver e sentir a superação de meus colegas, que foram muitas, foi a cooperação, solidariedade e o respeito mútuo{...}.

Gallegos, Juan e Montes (2007), também observou com seu estudo, que em torno de 55% dos indivíduos pesquisados, que fizeram o Caminho de Santiago, tinham como um dos motivadores relacionar-se com outras pessoas e fazer amigos.

Seja qual for à motivação ou o perfil do praticante de caminhadas de longa distância, o que devemos nos ater, enquanto profissionais de Educação Física, é na existência de um nicho de mercado com características definidas, onde a exigência física pode variar de leve a extrema e que esta é uma área onde a Educação Física deve estar presente, auxiliando e orientando os praticantes, buscando diminuir acidentes e outros eventos negativos que possam ocorrer em práticas como essa.

### **3.2 Regulamentação do Turismo de Aventura no Brasil**

Inexiste no Brasil uma legislação federal exclusiva para o turismo de aventura na natureza. A própria Lei Geral do Turismo – Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008 – (BRASIL, 2008), não cita especificamente o turismo de aventura, limitando-se apenas a estimular o turismo sustentável e a preservação do meio ambiente natural, conforme segue:

Art. 5º – A Política Nacional de Turismo tem por objetivos:  
VIII - propiciar a prática de turismo sustentável nas áreas naturais, promovendo a atividade como veículo de educação e interpretação ambiental e incentivando a adoção de condutas e práticas de mínimo impacto compatíveis com a conservação do meio ambiente natural;

Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008.

Ainda no artigo 5º, inciso XIX da referida lei, aparece como objetivos a formação, aperfeiçoamento e capacitação de recursos humanos, de forma generalizada, sem especificar o guia de turismo de aventura. Já no artigo 11 cria o Comitê Interministerial de Facilitação Turística, com finalidades diversas, sendo que no inciso VIII, incentiva a formação de mão de obra para o setor turístico.

Art. 5º, inciso XIX – promover a formação, o aperfeiçoamento, a qualificação e a capacitação de recursos humanos para a área do turismo, bem como a implementação de políticas que viabilizem a colocação profissional no mercado de trabalho;

Art. 11, inciso VIII – a formação, a capacitação profissional, a qualificação, o treinamento e a reciclagem de mão-de-obra para o setor turístico e sua colocação no mercado de trabalho;

Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008.

O Decreto nº 7.381, de 2 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010), que regulamenta a Lei geral do Turismo também não cita em nenhum dos seus 94 artigos, o turismo de aventura.

A Lei 8.623 de 28 de janeiro de 1993 regula a profissão de Guia de Turismo, e no seu artigo 2º, detalha as funções e atribuições do profissional:

Art. 2º - Para os efeitos desta lei, é considerado Guia de Turismo o profissional que, devidamente cadastrado no Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), exerça atividades de acompanhar, orientar e transmitir informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas.

Apesar de regular a profissão, não fala expressamente sobre o turismo de aventura, apenas informando o termo “*especializadas*”, que pode ser interpretado de diferentes formas, desde atividades para grupos especiais, como cadeirantes, idosos ou pessoas com deficiência visual ou auditiva, até mesmo como o turismo de aventura.

O Decreto nº 956, de 1º de outubro de 1993, regulamenta a Lei 8.623 de 28/10/93 e trás, no seu artigo 4º, as classes em que podem se cadastrar os guias, de acordo com a formação e documentação apresentada. Em nenhuma destas classes aparece expressamente a função de guia em turismo de aventura, sendo que cita o termo “*especializadas em determinado atrativo natural*”:

Art. 4º - Conforme a especialidade de sua formação profissional e das atividades desempenhadas, comprovadas perante a EMBRATUR os guias de turismo serão cadastrados em uma ou mais das seguintes classes:

I - guia regional - quando suas atividades compreenderem a recepção o traslado, o acompanhamento, a prestação de informações e assistência a turistas, em itinerários ou roteiros locais ou intermunicipais de uma determinada unidade da federação para visita a seus atrativos turísticos;

II - guia de excursão nacional - quando suas atividades compreenderem o acompanhamento e a assistência a grupos de turistas, durante todo o percurso da excursão de âmbito nacional ou realizada na América do Sul, adotando, em nome da agência de turismo responsável pelo roteiro, todas as atribuições de natureza técnica e administrativa necessárias à fiel execução do programa.

III - guia de excursão internacional - quando realizarem as atividades referidas no inciso II, deste artigo, para os demais países do mundo;

**IV - guia especializado em atrativo turístico - quando suas atividades compreenderem a prestação de informações técnico-especializadas sobre determinado tipo de atrativo natural ou cultural de interesse turístico, na unidade da federação para qual o mesmo se submeteu à formação profissional específica (grifo nosso).**

Já o artigo 5º do mesmo decreto, impõe as condições e documentações necessárias para poder realizar o cadastro como guia de turismo, sendo os mais importantes, sobre o ponto de vista deste estudo:

Art. 5º - ...

**V - ter concluído o 2º grau.**

**VI - ter concluído Curso de Formação Profissional de Guia de Turismo na classe para a qual estiver solicitando o cadastramento.**

1º As entidades responsáveis pelos cursos referidos no inciso VI, deste artigo, deverão encaminhar, previamente no início de sua realização, os respectivos planejamentos curriculares e planos de curso, para apreciação da Embratur.

2º Os certificados conferidos aos concluintes dos cursos mencionados no parágrafo anterior especificarão o conteúdo programático e a carga horária de cada módulo, a classe em que o guia de turismo está sendo formado e a especialização em determinada área geográfica ou tipo de atrativo.

3º Admitir-se-á, para fins de comprovação do atendimento ao requisito referido no inciso VI deste artigo, que o requerente:

**a) tenha se formado em curso superior de turismo e cursado cadeira especializada na formação de guia de turismo;**

**b) tenha concluído o curso de formação profissional à distância e sido aprovado em Exame de Suplência Profissionalizante ministrado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC);**

**c) comprove, no prazo de 180 dias de vigência deste decreto, o efetivo exercício da profissão por, no mínimo, dois anos, bem como aprovação em exame de suplência nos termos da alínea anterior (grifo nosso).**

A EMBRATUR, em sua Deliberação Normativa nº 326/94, de 13 de janeiro de 1994, no seu artigo 1º, caput, transfere para as Unidades da Federação a competência de estabelecer normas próprias para cadastro, classificação, controle e fiscalização de prestadores de serviços, não compreendidos na legislação federal de turismo em vigor, como complemento a essa legislação e com o objetivo de aperfeiçoar a qualidade do produto turístico estadual. O artigo 2º da referida deliberação considera, para fins de registro junto aos órgãos competentes, indivíduos que comprovem o efetivo exercício da profissão por, no mínimo, dois anos e demais pessoas físicas que atuem em ambiente natural, estendendo o prazo do Decreto nº 956, de 1º de outubro de 1993, conforme segue:

Art. 2º - Considerar-se-ão incluídos no disposto no artigo anterior, entre outras, as “**peças físicas cuja prática, decorrente do tempo de vivência e experiência em determinado atrativo ou empreendimento turístico, próprio de certa região, lhes permita conduzir o turista, com segurança, em seus passeios e visitas, ao local, prestando-lhes orientação e informação específica e tornando mais atrativa sua programação**”.

Parágrafo Único – Estão compreendidas neste artigo as pessoas físicas que conduzam e orientam o turista em passeios e visitas realizados no interior de determinado atrativo ou empreendimento turístico localizado:

- a) na selva amazônica, pantanal, parques nacionais, ou a outros locais em equilíbrio ambiental;**
- b) em dunas, cavernas ou outros atrativos ecológicos específicos;**
- c) em locais de atrativos náuticos;**
- d) em empreendimento considerado de valor histórico e artístico, pelas autoridades governamentais competentes (grifo nosso).

Como a deliberação mesmo afirma, pessoas sem formação técnica ou profissional, podem organizar e acompanhar grupos por ambientes naturais, local onde se desenvolvem as AFAN's, deixando a cargo das Unidades da Federação qualquer responsabilidade sobre estes prestadores de serviço.

A Deliberação Normativa nº 426, de 04 de outubro de 2001, edita normas disciplinando a operacionalização do cadastramento e a classificação dos Guias de Turismo e fixa critérios para aplicação das penalidades previstas. Nesta mesma normativa, estabelece no seu artigo 3º, a formação mínima para cadastramento de Guia Turístico:

Art. 3º - O requerente será cadastrado na classe de Guia de Turismo para a qual estiver habilitado, desde que comprovada esta condição, mediante apresentação de certificado de conclusão de curso específico de educação profissional de **nível técnico**, cujo plano de curso tenha sido previamente aprovado pelo órgão próprio do respectivo Sistema de Ensino, inserido no

Cadastro Nacional de cursos de Nível Técnico administrado pelo MEC, e apreciado pela EMBRATUR (grifo nosso).

A Deliberação Normativa nº 427 de 04 de outubro de 2001, determina regras para a apresentação de planos de cursos técnicos na área de turismo e ainda abre a possibilidade do trabalho por módulos:

Art. 1º - ... possibilitando a **adoção de módulos** na educação de nível técnico, bem como a **certificação de competências por módulos** (grifo nosso).

Já no caput do artigo 2º, da mesma deliberação trás, pela primeira vez, informações sobre a formação de Guia de Turismo Especializado em Atrativo Natural e determina as condições para obter esta denominação:

Art. 2º - Para requerer o cadastro na classe de Guia de Turismo Especializado em Atrativo Natural e na classe de Guia de Turismo Especializado em Atrativo Cultural, de que trata o artigo 4º do Decreto 946, de 1º de outubro de 1993, o requerente deve, primeiramente, ser **habilitado como Guia de Turismo Regional**, em cursos específicos da **Qualificação Profissional ou Habilitação Profissional** (grifo nosso).

No artigo 3º, informa as competências necessárias para egressos do ensino de nível superior:

Art. 3 - Os **egressos de cursos superiores e de graduação, como Bacharelado e Tecnologia**, bem como de cursos sequenciais por campos do saber na área do Turismo **só poderão obter cadastramento** na EMBRATUR como Guia de Turismo, **quando submetidos às disposições da legislação específica em vigor** (grifo nosso).

Ou seja, para atuar como Guia de Turismo cadastrado na EMBRATUR, mesmo possuindo curso superior, existe a exigência de curso de capacitação técnica em turismo, os mesmos oferecidos para indivíduos que não possuem formação superior.

O Estado do Rio Grande do Sul é o único a apresentar uma legislação específica para o ecoturismo e o turismo sustentável. A Lei nº 12.097, de 21 de maio de 2004, em nenhum de seus artigos, cita, comenta ou faz qualquer menção sobre a função de guia turístico em áreas naturais e/ou de conservação. Limita-se apenas a orientar sobre as atividades desenvolvidas nestes ambientes e a responsabilidade social e de manutenção do ambiente natural.

Existem no Brasil duas entidades civis que atuam regulando e normatizando a área de turismo de aventura em conjunto com o Ministério do Turismo, são elas: Associação

Brasileira de Normas Técnicas – ABNT ([www.abnt.org.br](http://www.abnt.org.br)) e a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – ABETA ([www.abeta.com.br](http://www.abeta.com.br)), desta forma tentando suprir uma demanda de regramento que o poder público deixou em aberto.

### 3.4 As AFAN's e os Currículos de Cursos de Educação Física no Brasil

A prática das AFAN's tem como grande premissa a ausência de competição e de acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010), o “*turismo de aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo*”. O próprio documento explica o conceito:

#### a) Movimentos turísticos

São entendidos como movimentos turísticos os deslocamentos e estadias que presumem a efetivação de atividades consideradas turísticas. No caso do Turismo de Aventura, são geradas pela realização de atividades de aventura que dão consistência a esse segmento, envolvendo a oferta de serviços, equipamentos e produtos.

#### b) Atividades de aventura

A palavra aventura, do latim *adventura* – o que há por vir remete ao diferente e ao inusitado. Nesse conceito, consideram-se **atividades de aventura as experiências físicas e sensoriais recreativas** que envolvem desafios e que podem proporcionar sensações diversas como liberdade, prazer e superação, a depender da expectativa, do envolvimento e da experiência do turista além do nível de dificuldade de cada atividade.

#### c) Caráter Recreativo e não competitivo

Os movimentos turísticos decorrentes da prática de esportes, mesmo que de aventura, quando entendidas como competições, denominam-se modalidades esportivas e são tratadas no âmbito do segmento Turismo de Esportes. As atividades turísticas, mesmo que tendo origem nos esportes de aventura, são oferecidas comercialmente aos turistas por seu caráter recreativo (grifo nosso).

Em razão deste tipo de conceito, as AFAN's hoje são exploradas comercialmente pelo segmento turístico, fazendo parte de pacotes turísticos oferecidos a qualquer pessoa, sem a necessidade de conhecimento da atividade. Ele é mais um produto a ser consumido durante uma viagem turística ou até mesmo de negócios, mas que ofereça possibilidades de experimentar o ambiente de forma diferenciada.

A Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), em seu material conjunto com o Ministério do Turismo (2009), *informa que no turismo de aventura, dá-se preferência em maior e menor graus, à atividade física e situações*

*desafiadoras*. Também coloca a grande associação entre turismo de aventura e o ecoturismo que existe no Brasil, em função da grande utilização de unidades de conservação e áreas preservadas para a sua prática.

De acordo com a Resolução N° 7, de 31 de março de 2004 do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, é de competência do profissional de Educação Física:

Intervir acadêmica e profissionalmente de forma deliberada, adequada e eticamente balizada nos campos da prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, **do lazer**, da gestão de empreendimentos relacionados às **atividades físicas, recreativas** e esportivas, **além de outros campos** que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de **atividades físicas, recreativas** e esportivas (grifo nosso).

Analisando estas competências, observa-se a aproximação da Educação Física e as AFAN's enquanto práticas corporais desenvolvidas de forma recreativa e em momentos de lazer.

O CONFEF, em sua Resolução nº 046/2002, delimitando bem o campo de atuação do profissional em Educação Física, coloca:

**O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações** - ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, capoeira, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, **lazer, recreação**, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais -, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para consecução da autonomia, da autoestima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo (grifo nosso).

Corrêa (2008) cita o manifesto Mundial da Educação Física – 2000, da Fédération Internationale D'Education Physique, que caracteriza a Educação Física conforme segue:

**Tem como seu meio específico às atividades físicas** exercidas a partir de uma intenção educacional nas formas de exercícios ginásticos, jogos, esportes, danças, lutas, **atividades de aventura**, relaxamento e ocupações diversas do lazer (...), (...) ao ser assegurada e promovida ao longo da vida das pessoas, apresenta-se com relações efetivas e profundas com a Educação, Saúde, Lazer, Cultura, Esporte, Ciência e Turismo (grifo nosso).

Isto tudo leva a compreensão de que a Educação Física tem na prática das atividades de aventura na natureza uma das suas formas de manifestação sendo, portanto, de sua competência. Dessa forma entende-se o profissional de Educação Física como um dos intermediadores das AFAN, consciente de sua atuação, suas atitudes e funções, compreendido em um contexto inter, multi e transdisciplinar, tendo em vista o retorno do homem a natureza (CORRÊA, 2008).

Em razão destas premissas, a Educação Física tem obrigação de assumir sua posição junto à sociedade, ou como disse Corrêa (2008):

as IES, os profissionais de Educação Física e as áreas afins têm seus direitos, deveres e responsabilidades no desenvolvimento de atividades na natureza. Porém, torna-se necessário que o profissional de Educação Física, como um dos intermediadores dessas áreas, para atuar neste “novo fenômeno”, tenha consciência de suas atitudes e funções.

Nesta linha de pensamento, Marinho (2007) coloca que se deve ter uma discussão séria na Educação Física, a qual não pode se restringir a olhar tais práticas meramente como processos esportivos formais ou como uma parcela de mercado de trabalho exclusiva, pois estas atividades são interdisciplinares, uma mescla entre Turismo, Ecologia e Educação Física, tornando-se necessário um diálogo entre estas três áreas (MARINHO, 2005), problemática também apontada por Corrêa (2008):

Dentro deste contexto emerge a disputa pelo meio natural, no campo do trabalho, envolvendo o Turismo, o Lazer e a Educação Física, entre outros. Este embate traz a tona uma disputa por um campo de intervenção plural, interdisciplinar e transdisciplinar, cuja demarcação territorial possui fronteiras tênues, apresentando uma grande bricolagem entre si.

Apesar deste discurso, Marinho (2007) coloca que a interdisciplinaridade não é tão requerida quando o debate recai sobre o “mercado de trabalho”. Ainda no mesmo artigo, a autora coloca que:

a ética não pode ser fragmentada. Nesse contexto, ao afirmamos “fragmentada”, referimo-nos à reserva de mercado, à tentativa de apropriação de uma atividade socioeconômica por um campo profissional, que se quer hegemônico, ao menos, em seus documentos oficiais e nos não-

formais elaborados por pessoas que representam esse setor. Esse debate não é exclusivo da educação física, mas repete-se em diversos campos de atuação profissional, com o argumento comum de reserva de mercado.

No topo destas discussões encontra-se a formação do profissional de Educação Física. Marinho e Seabra (2002, apud MARINHO 2007) mostram que vários estudos apresentam aspectos referentes à reaproximação dos seres humanos à natureza, contextualizando as atividades de aventura na contemporaneidade e questionando impactos e potencialidades; contudo, os autores detectaram que poucos discutem a formação profissional necessária, assumida e almejada em tais práticas. Tal fato se justifica, primeiro pela atualidade do tema e, segundo pela falta de familiaridade com questões que, diferentemente do que se pensava, conquistam o espaço e a atenção devidos, desmistificando o estereótipo de “modismo” (MARINHO, 2007).

Corrêa (2008) coloca que a efetivação das AFAN's como conteúdo do currículo de cursos de Educação Física exige que esse ultrapasse o campo dos modismos. Considera, também, que a atuação profissional nas AFAN's e a profissionalização dos indivíduos que trabalham nesse campo parece não acompanhar o seu ritmo de crescimento, ficando vinculado a uma preparação muito heterogênea que abarca desde uma formação superior até propostas de iniciação, aperfeiçoamento, formação de monitores, entre outras, nos mais diversos locais do Brasil.

Como exemplo desse processo, Lauro e Danucalov (2005, apud CORRÊA, 2008), se referindo ao surfe e ao skate, mencionam que:

para tentar suprir a necessidade de uma mão de obra devidamente habilitada e qualificada para trabalhar com os esportes de prancha é importante que os profissionais consigam se preparar num curto espaço de tempo”. Este espaço de tempo pode se justificar por conta dos currículos da grande maioria das instituições de ensino que “ainda não estão prontos para resolver essa situação”. Porém, “os cursos livres, de extensão universitária e de pós-graduação podem ser, no momento, a melhor solução para atender a esse ‘novo’ mercado de trabalho.

Ter nestes cursos livres, ou de extensão universitária, uma fonte para a preparação de profissionais, pode ser interessante e aceito num primeiro momento, porém as instituições de ensino superior necessitam assumir sua responsabilidade, enquanto formadoras de profissionais da área da cultura corporal do movimento. A Resolução nº 07/2004, que institui as bases curriculares da Educação Física, apresenta no seu artigo 4º a responsabilidade que um curso de graduação em Educação Física deve ter com o estudante:

Art. 4º O curso de graduação em Educação Física deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.

§ 1º O graduado em Educação Física deverá estar qualificado para analisar criticamente a realidade social, para nela intervir acadêmica e profissionalmente **por meio das diferentes manifestações e expressões do movimento humano**, visando à formação, a ampliação e o enriquecimento cultural das pessoas, para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável (grifo nosso).

No seu artigo 6º, a referida resolução apresenta as competências e habilidades que o curso de Educação Física deve desenvolver no aluno:

Art. 6º As competências de natureza político-social, ético-moral, técnico, profissional e científica deverão constituir a concepção nuclear do projeto pedagógico de formação do graduado em Educação Física.

§ 1º A formação do graduado em Educação Física deverá ser concebida, planejada, operacionalizada e avaliada visando à aquisição e desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

- **Participar, assessorar, coordenar, liderar e gerenciar equipes multiprofissionais** de discussão, de definição e de operacionalização de políticas públicas e institucionais **nos campos da saúde, do lazer, do esporte, da educação, da segurança, do urbanismo, do ambiente, da cultura, do trabalho**, dentre outros.

- **Diagnosticar os interesses**, as expectativas e as necessidades das pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas portadoras de deficiência, de grupos e comunidades especiais) **de modo a planejar**, prescrever, ensinar, orientar, assessorar, supervisionar, controlar e avaliar projetos e programas de atividades físicas, **recreativas** e esportivas nas perspectivas da prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, **do lazer e de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas** e esportivas (grifo nosso).

Em razão dessas observações da legislação e de diversos autores, torna-se pertinente o pensar na formação do profissional em Educação Física, buscando uma formação que além das disciplinas formadoras da base do profissional – fisiologia, anatomia, desenvolvimento motor, entre outras – além daquelas que trabalham com os esportes tradicionais – futebol, basquete, vôlei, entre outros – também apresente a possibilidade do estudante conhecer novas áreas e diferentes formas de manifestação da cultura corporal, pois como coloca Corrêa (2008):

Diante destes aspectos, a inserção e a legitimação das AFAN no meio universitário, especificamente na Educação Física, é mais que uma necessidade, mas uma proposta.

### 3.4.1 Currículos de Cursos de Educação Física no Brasil

Nesta parte do trabalho foi feita uma pesquisa junto aos sites de diversas Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil, buscando aquelas que apresentam a formação em Educação Física. Das instituições que apresentam esta formação, se buscou a visualização do currículo e nesse se buscou disciplinas que remetam a prática das AFAN's.

Não é objetivo deste trabalho analisar a fundamentação pedagógica dos diversos cursos encontrados, mas sim apenas observar como se dá a inclusão desse tema dentro das universidades. A pesquisa baseou seu foco na existência ou não de disciplinas da área das atividades de aventura na natureza.

No anexo A, observa-se as IES Federais pesquisadas, onde para facilitar a observação, escolheu-se informar apenas aquelas que possuem curso de Educação Física, seja licenciatura ou bacharelado, a possibilidade de acesso à estrutura curricular e a presença ou não de disciplinas que remetam as AFAN's, com suas ementas, quando disponibilizadas.

Com isto se obteve uma lista de 33 IES Federais que possuem curso de Educação Física que estão listadas no anexo A.

Das IES que oferecem o curso de Educação Física, 14 instituições oferecem disciplinas voltadas para a prática de atividades na natureza. Sendo que em apenas cinco destas instituições, estas disciplinas são obrigatórias (tabela 2):

**Tabela 2:** IES com disciplinas relacionadas às AFAN's de caráter obrigatório.

<b>IES</b>	<b>DISCIPLINA - OBRIGATÓRIA</b>
Universidade Federal de Santa Catarina	Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura.
Universidade Federal de Uberlândia	Esportes de Aventura. Esportes complementares.
Universidade Federal do Amapá	Recreação e lazer integrados à natureza.
Universidade Federal de Ouro Preto	Atividade Física de Aventura – eletiva para licenciatura, obrigatória para bacharelado.
Universidade Federal de São Paulo	Fundamentos das atividades físicas e esportivas VII – Práticas Alternativas e Integrativas - Modular

As demais IES que apresentam disciplinas voltadas para a área das AFAN's, porém de forma optativa são (tabela 3):

**Tabela 3:** IES com disciplinas relacionadas às AFAN's de caráter optativo.

<b>IES</b>	<b>DISCIPLINA – OPTATIVA</b>
Universidade Federal do Maranhão	Fundamentos e Metodologia dos Esportes de Aventura
Universidade Federal de Juiz de Fora	Esportes Complementares

Universidade Federal do Paraná	Práticas Corporais de Aventura na Natureza
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Esportes de Aventura Orientação Aplicada aos Esportes de Aventura Fundamentos De Orientação, Cartografia e Navegação Terrestre
Universidade Federal de Alagoas	Atividades Físicas na Natureza
Universidade Federal de Pernambuco	Esportes de Aventura
Universidade Federal de Sergipe	Atividades físicas no meio natural
Universidade Federal de Ouro Preto	Atividade Física de Aventura – eletiva para licenciatura, obrigatória para bacharelado
Universidade Federal de Pelotas	Atividades físicas de ação na natureza Excursionismo Esporte de Aventura Esportes Radicais em Meio Aquático
Universidade Federal de São Carlos	Esportes na Natureza

Com isto observa-se que a inserção das AFAN's nas IES Federais no Brasil ainda é pequena, mas já acontece. Na maioria das IES Federais que apresentam disciplinas voltadas para esta área, elas são consideradas como uma formação complementar, não sendo exigência para a conclusão do curso, esse tipo de visão das bases curriculares, vem ao encontro com o que disse Marinho em 2005:

Diante de tal quadro exposto, as atividades de aventura raramente têm surgido como conteúdo de ensino da Educação Física e, quase sempre, têm sido tratadas como um "apêndice" recreativo e de lazer.

A inserção dessas disciplinas na Educação Física deve vir baseada na análise do potencial educativo dos conteúdos destas práticas. Pastor e Pastor (1997) colocam que além da realização das atividades de aventura, existe a necessidade de um planejamento didático e interdisciplinar, para legitimar a experiência educativa. Marinho (2005) ainda coloca:

Contudo, o tratamento das atividades esportivas no meio natural, respaldando-se em uma perspectiva crítica, deve, também, centrar-se em aspectos importantes para a realização da atividade, tais como: diferentes técnicas de execução e sistemas de segurança. E, por fim, deve relevar um aspecto bastante significativo: a experimentação pessoal - a vivência das atividades que se constituem no eixo principal de ação sobre o qual as intervenções começarão a fazer sentido.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, procurou-se caracterizar as AFAN's, mais especificamente as caminhadas e caminhadas de longa distância, como práticas pertencentes à cultura corporal do movimento, sendo que o profissional de Educação Física, ainda que não seja o detentor do monopólio do mercado profissional dessas práticas, deve estar inserido, seja no planejamento, coordenação ou na execução dessas vivências.

A formação de estruturas empresariais, nas quais o profissional de Educação Física seja parte importante do processo de desenvolvimento da atividade, por ter a competência fundamental de orientar os indivíduos na prática de atividades físicas, deve ser vista como um objetivo por entidades de classe. Isto não quer dizer que o referido profissional deva possuir a exclusividade do mercado, pois como foi observado, a prática das AFAN's é uma área muito vasta, que envolve situações que ultrapassam o domínio da Educação Física, tendo na Ecologia, na Biologia e no Turismo parceiros de trabalho, com cada qual sabendo sua posição dentro desse mercado, que cresce a cada ano e que tem um claro caráter multidisciplinar.

Neste sentido, os cursos de graduação em Educação Física devem assumir sua porção de responsabilidade na formação profissional, buscando formas de inserir este conteúdo nos currículos acadêmicos. Algumas IES Federais já observaram esta necessidade e buscam oferecer disciplinas voltadas para estas práticas, mesmo de forma modesta e de caráter optativo.

Uma das principais limitações deste trabalho encontra-se na limitada, ou quase inexistente, produção acadêmica sobre as caminhadas de longa distância no Brasil. O que se encontra são artigos voltados para a prática das AFAN's, onde as caminhadas de longa distância se enquadram, mas sem a preocupação de caracterizar esta prática como parte da competência do profissional de Educação Física, sendo vista muitas vezes, como um meio para alcançar outras atividades de aventura.

Boa parte dos trabalhos encontrados sobre caminhadas em ambientes naturais estão voltados para a educação ambiental, um ponto extremamente importante, pois o conhecimento da natureza que esse tipo de prática trás, auxilia no desenvolvimento da consciência ecológica. Em razão da extensão e da grande importância desse tema, foi decidido não inserir essas discussões neste trabalho, devendo ser explorado em outro momento e com muita seriedade, fruto de uma pesquisa extensa e detalhada.

Também se observou durante a pesquisa que várias áreas do conhecimento, entre elas a Antropologia e o Urbanismo, utilizam as caminhadas como objeto de estudo. A Antropologia procura focar nas migrações e peregrinações com caráter religioso e os impactos sociais que eles trazem, enquanto o Urbanismo busca nas caminhadas formas de compreensão do deslocamento humano dentro de áreas urbanas e o crescimento das cidades. Assim como no tema da Educação Ambiental, foi escolhido não dissertar sobre os estudos correlatos, que poderiam tornar este trabalho muito extenso, desviando do foco principal que é a prática das caminhadas de longa distância.

Não é pretensão deste trabalho, exaurir o tema. Buscou-se trazer à vista uma problemática que existe e que não está sendo alcançada pelos profissionais da Educação Física e pelas universidades, que está deixando uma grande parcela da população nas mãos de pessoas com boa vontade, no entanto sem preparo adequado para o desenvolvimento de atividades físicas com segurança. Além disso, procuramos demonstrar a importância da prática das caminhadas e caminhadas de longa distância em ambientes naturais e o pouco ou quase nenhum conhecimento acadêmico sobre este assunto, tentando servir como porta de entrada para discussões sobre o tema na área da Educação Física.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15500: Turismo de Aventura – Terminologia**. Rio de Janeiro: ABNT, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERTOLLO, Mauro; BERTOLLO, Sandra Helena Joris. Práticas corporais na natureza: (Re) Significando valores sociais para uma melhor qualidade de vida. **Revista Contexto & Saúde** – Editora Unijuí, 2012, v. 11, nº 22, p. 52-55.
- BETRÁN, Javier Oliveira. Dossier Las Actividades Físicas de Aventura em la Naturaleza: Análisis Sociocultural. **Apunts Educación Física y Deportes**, nº 41, 1995, p. 5-8.
- \_\_\_\_\_. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: As atividades físicas de aventura na natureza. MARINHO, Alciane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003. p. 157-202.
- BETRÁN, Javier Oliveira; BETRÁN, Alberto Oliveira. La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas em el tiempo de ocio activo. **Apunts Educación Física y Deportes**, nº 41, 1995a, p. 10-29.
- \_\_\_\_\_. Propuesta de una Clasificación Taxonómica de las Actividades Físicas de aventura em la naturaleza. Marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Apunts Educación Física y Deportes**, nº 41, 1995b, p. 108-123.
- BRASIL. Decreto nº 7.381, de 2 de dezembro de 2010. **Regulamenta a Lei geral do Turismo**. Brasil, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7381.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7381.htm). Acessado em: 11/11/2014.
- \_\_\_\_\_. Decreto nº 956, de 1º de outubro de 1993. **Regulamenta a Lei da profissão de guia de turismo**. Brasil, 1993. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7381.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7381.htm). Acessado em: 11/11/2014.
- \_\_\_\_\_. Lei 8.623 de 28 de janeiro de 1993. **Regula a profissão de Guia de Turismo**. Brasília, 1993. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8623.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8623.htm). Acessado em: 11/11/2014.
- \_\_\_\_\_. Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. **Lei Geral do Turismo**. Brasil, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111771.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111771.htm). Acessado em: 11/11/2014.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura: Orientações Básicas**. 3ª Edição. Brasília, 2010.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo/ABETA. **Diagnóstico do turismo de aventura no Brasil**. Belo Horizonte, 2009 – Vol. 1.

\_\_\_\_\_. ABETA. Ministério do Turismo. **Série aventura segura – Manual de boas práticas de caminhada e caminhada de longo curso**. Belo Horizonte, 2009.

\_\_\_\_\_. EMBRATUR. Deliberação Normativa nº 326/94, de 13 de janeiro de 1994. **Transfere para as Unidades da Federação a competência para registro de prestadores de serviço na área de turismo**. Brasil, 1994. Disponível em: <http://www.turismo.rs.gov.br/conteudo/2285/guia-de-turismo>. Acessado em: 11/11/2014.

\_\_\_\_\_. EMBRATUR. Deliberação Normativa nº 426, de 04 de outubro de 2001. **Disciplina a operacionalização do cadastramento e a classificação dos Guias de Turismo**. Brasil, 2001. Disponível em: <http://www.turismo.rs.gov.br/conteudo/2285/guia-de-turismo>. Acessado em: 11/11/2014.

\_\_\_\_\_. EMBRATUR. Deliberação Normativa nº 427 de 04 de outubro de 2001. **Determina regras para a apresentação de planos de cursos técnicos na área de turismo**. Brasil, 2001. Disponível em: <http://www.turismo.rs.gov.br/conteudo/2285/guia-de-turismo>. Acessado em: 11/11/2014.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES 07, de 31 de março de 2004. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação – Conselho Federal de Educação**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acessado em: 11/11/2014.

CORRÊA, Evandro Antônio. **Formação do profissional de Educação Física no contexto das atividades físicas de aventura na natureza**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, PPG em Ciências da Motricidade – Pedagogia da Motricidade Humana. UNESP – Rio Claro/SP, 2008.

FUNOLLET, Feliu. Propuesta de clasificación de las actividades deportivas em el medio natural. **Apunts Educación Física y Deportes**, nº 41, 1995, p. 124-119.

GALLEGOS, Antonio Graneros; JUAN, Francisco Ruiz; MONTES, María Elena García. Estudio sobre las motivaciones para recorrer el Camino de Santiago. **Apunts Educación Física y Deportes**, nº 89, 2007, p 88-96.

MAINIERI, G. M. **Perfil dos praticantes de caminhadas ecológicas: um estudo exploratório-descritivo**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2009.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica – 5ª Edição**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARINHO, Alcyane, SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Revista Digital**, Buenos Aires, 2005, Año 10, nº 88, Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acessado em 25/09/2014.

MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**,

Florianópolis, Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física, ano XVI, n. 22, p. 47-69, jun. 2004.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, Humberto Luís Deus, Educação Física, meio ambiente e aventura: Um percurso por vias instigantes. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, maio 2007, p. 55-70.

PASTOR, Victor Manuel López; PASTOR, Esther Matilde López. Tratamiento de la educación ambiental desde el área de educación física. Problemática y propuestas de acción. **Apunts: Educación Física y Deportes**, nº 50, 1997, p. 76-81.

PEREIRA, Ana Luisa; FÉLIX, Maria Joana. Siglo XXI: nuevos valores, nuevas profesiones. Una perspectiva del ocio desportivo em la naturaleza integrado en el turismo. **Revista Digital**, ano 8, nº 50, julio de 2002. Disponível em: [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acessado em: 24/10/2014.

PEREIRA, Andréa Schiavone; PIMENTEL, Giuliano Gomes Assis; LARA, Larissa Michele. Atividades físicas de aventura na natureza: Relações entre estilo de vida aventureiro e modo de vida rural para melhoria da qualidade de vida. **Iniciação científica – CESUMAR**, jul. dez. 2004, vol. 06, p. 112-119.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Estadual nº 12.097, de 21 de maio de 2004. **Regula as atividades de Ecoturismo e turismo sustentável no estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.097.pdf>. Acessado em: 11/11/2014.

SANTOS, Cássio Garcez. Caminhadas ecológicas e ecologismo: a experiência do grupo ecoando – ecologia & caminhadas. **Anais – Uso Público em Unidades de Conservação**, n. 1, v. 1, 2013, Niterói, RJ.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental e ecologismo nas trilhas das caminhadas ecológicas**. 2007. Dissertação (mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PGCA), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SOARES, Márcia. Dicas e Roteiros – Trekking, 2009. Disponível em: [http://www.trilhaSerumos.com.br/dicas\\_ler.asp?IdDica=79](http://www.trilhaSerumos.com.br/dicas_ler.asp?IdDica=79). Acessado em 18/10/2014.

SOTO, Cornélio Águila. Las actividades físicas de aventura em la naturaliza: um Fenómeno moderno ou pós-moderno. **Apunts Educacion Física y Deportes**, nº 89, 2007, p. 81-87.

UFAC. **Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Acre**. Disponível em: <http://200.129.173.3:2080/ementario/curriculo.action?v=197> – acessado em 17/10/2014.

UFBA. **Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal da Bahia**. Disponível em: [http://www.faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/fluxograma\\_pdf\\_1.pdf](http://www.faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/fluxograma_pdf_1.pdf) – acessado em 07/10/2014.

UFES. **Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo**. Disponível em:

[http://www.cefd.ufes.br/sites/www.cefd.ufes.br/files/grade%20EF%20CEFD-2006-1\\_0.pdf](http://www.cefd.ufes.br/sites/www.cefd.ufes.br/files/grade%20EF%20CEFD-2006-1_0.pdf) – acessado em 09/11/2014.

**UFF. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal Fluminense.** Disponível em: <https://sistemas.uff.br/iduff/sid137avUfd98/consultaMatrizCurricular.uff> – acessado em 09/11/2014.

**UFG. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.** Disponível em: [http://www.fef.ufg.br/up/73/o/Fluxo\\_Curricular\\_Sugerido.pdf](http://www.fef.ufg.br/up/73/o/Fluxo_Curricular_Sugerido.pdf) – acessado em 07/10/2014.

**UFGD. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados.** Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/faed/educacao-fisica/disciplinas> – acessado em 07/10/2014.

**UFJF. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora.** Disponível em: <http://www.ufjf.br/faefid/home/downloads/> – acessado em 09/11/2014.

**UFLA. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Lavras.** Disponível em: [https://www.sig.ufla.br/modulos/publico/matrizes\\_curriculares/index.php?cod\\_matriz\\_curricular=154&op=abrir](https://www.sig.ufla.br/modulos/publico/matrizes_curriculares/index.php?cod_matriz_curricular=154&op=abrir) – acessado em 09/11/2014.

**UFMA. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão.** Disponível em: <https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf> – acessado em 17/10/2014.

**UFMG. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais.** Disponível em: <https://www2.ufmg.br/educacaofisica/educacaofisica/COLGEF/O-Curso/Bacharelado-Graduado-em-Educacao-Fisica/Matriz-Curricular> – acessado em 09/11/2014.

**UFMS. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.** Disponível em: <http://www.sien.ufms.br/cursos/grade/0333> – acessado em 09/11/2014.

**UFMT. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso.** Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/site/ensino/graduacao/Cuiaba> – acessado em 09/11/2014.

**UFOP. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto.** Disponível em: <http://www.prograd.ufop.br/arqdown/matriz/EFD.pdf> – acessado em 09/11/2014.

**UFPB. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba.** Disponível em: [http://www.ccs.ufpb.br/edfisica/?page\\_id=371](http://www.ccs.ufpb.br/edfisica/?page_id=371) – acessado em 09/11/2014.

**UFPE. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco.** Disponível em:

[https://www.ufpe.br/proacad/images/cursos\\_ufpe/educacao\\_fisica\\_bacharealdo\\_perfil\\_0100.pdf](https://www.ufpe.br/proacad/images/cursos_ufpe/educacao_fisica_bacharealdo_perfil_0100.pdf) – acessado em 09/11/2014.

**UFPEL. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.** Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/esef/> – acessado em 17/10/2014.

**UFPR. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.** Disponível em: <http://www.gradedf.ufpr.br/> – acessado em 09/11/2014.

**UFRB. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.** Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/educacaoofisica/o-curso/curriculo> – acessado em 07/10/2014.

**UFRGS. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** Disponível em: [http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod\\_curso=314](http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=314) – acessado em 09/11/2014.

**UFRJ. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro.** Disponível em: <https://www.siga.ufrj.br/sira/temas/zire/frameConsultas.jsp?mainPage=/repositorio-curriculo/773D896A-92A4-F79F-03F3-B94C51D70563.html> – acessado em 17/10/2014.

**UFRN. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.** Disponível em: <http://www.sigaa.ufrn.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/100834> – acessado em 17/10/2014.

**UFRRJ. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.** Disponível em: [http://r1.ufrj.br/graduacao/arquivos/docs\\_curso/matriz/SEROPEDICA/14-lic\\_ed\\_2013.pdf](http://r1.ufrj.br/graduacao/arquivos/docs_curso/matriz/SEROPEDICA/14-lic_ed_2013.pdf) – acessado em 17/10/2014.

**UFS. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.** Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/610> – acessado em 07/10/2014.

**UFSC. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.** Disponível em: <http://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=404> – acessado em 09/11/2014.

**UFSCar. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de São Carlos.** Disponível em: [http://www.prograd.ufscar.br/projetoped/pp\\_edfisica.pdf](http://www.prograd.ufscar.br/projetoped/pp_edfisica.pdf) – acessado em 09/11/2014.

**UFSJ. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de São João del-Rei.** Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/coefi/Projeto\\_Pedagogico\\_Educacao\\_Fisica\\_UFSJ\\_-\\_Curriculo\\_2011\(1\).pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/coefi/Projeto_Pedagogico_Educacao_Fisica_UFSJ_-_Curriculo_2011(1).pdf) – acessado em 09/11/2014.

**UFU. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia.** Disponível em: [http://www.faeфи.ufu.br/sites/faefи.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/EF\\_ProjetoPedagogico.pdf](http://www.faeфи.ufu.br/sites/faefи.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/EF_ProjetoPedagogico.pdf) – acessado em 07/10/2014.

**UFVJM. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.** Disponível em: <http://educacaofisicaufvjm.wordpress.com/ensino/> – acessado em 07/10/2014.

**UnB. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de Brasília.** Disponível em: <https://condoc.unb.br/matriculaweb/graduacao/curriculo.aspx?cod=7315> – acessado em 07/10/2014.

**UNIFAP. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal do Amapá.** Disponível em: <http://www2.unifap.br/edfisica/files/2009/06/ESTRUTURA-CURRICULAR-EF-presencial-c-quebra-de-prerequisitos-2011.pdf> – acessado em 07/10/2014.

**UNIFESP. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Federal de São Paulo.** Disponível em: <http://www.unifesp.br/reitoria/prograd/index.php/ensino-menu/cursos/informacoes-sobre-os-cursos> – acessado em 09/11/2014.

**UTFPR. Currículo do curso de Educação Física da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.** Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/curitiba/cursos/bacharelados/Ofertados-neste-Campus/educacao-fisica/matriz/matriz-curricular-edfisica/view> – acessado em 09/11/2014.

**ANEXO A – LISTA DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

IES	CURSO DE EFi	CURRÍCULO DISPONÍVEL	DISCIPLINAS AFINS COM AS AFAN's
Universidade Federal do Maranhão	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Fundamentos e Metodologia dos Esportes de Aventura</b> – optativa. Sem ementa.</li> </ul>
Universidade Federal do Rio grande do Norte	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Acre	Sim	Sim	Não
Universidade Federal de Juiz de Fora	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Esportes Complementares</b> – optativa As modalidades desportivas são escolhidas pelos alunos que serão desenvolvidas, tomando-se como referencial os seguintes itens a) Regras fundamentais. b) Técnicas elementares. c) Tática. d) Preparação física. e) Considerações gerais.</li> </ul> <p><b>Objetivos Gerais</b> – Oferecer aos alunos informações das diversas modalidades desportivas que não fazem parte da grade curricular do Curso de Educação Física e Desportos.</p> <p><b>Conteúdo</b> – Regras e fundamentos básicos dos Desportos: Peteca, Capoeira, Karatê, Arco e Flecha, Tiro ao Alvo, Bocha, Hipismo, Polo Aquático, Mergulho, Natação Sincronizada, Remo, Malha, Tênis de Campo, Tênis de Mesa, ciclismo, Automobilismo, Saltos Ornamentais, Esgrima, Trekking, Voo Livre, Wind Surf, Surf, Moto Cross, Paraquedismo, etc..</p>
Universidade Federal de Lavras	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Paraná	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Práticas Corporais de Aventura na Natureza</b> - optativa <b>Ementa:</b> A educação física e a sua interface com o meio ambiente: conceitos, princípios, campos de aplicação, tipos de</li> </ul>

			práticas, capacidades e habilidades demandadas, assim como equipamentos e normas de segurança. Inclusão pedagógica de práticas corporais em ambientes naturais desenvolvidos a partir de uma abordagem eco-educativa.
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Esportes de Aventura – optativa</b>  <b>Objetivo</b> – Proporcionar aos alunos conhecimentos básicos e práticos sobre esportes de aventura  <b>Ementa</b> – Histórico, concepção e evolução. Materiais de Concepção, espaço físico, áreas de inserções, serviços corporativos e agências operadoras e regras dos esportes de aventura.</li> <li>• <b>Orientação Aplicada aos Esportes de Aventura – optativa</b>  <b>Objetivo</b> – Desenvolver no aluno a prática de orientação em navegação terrestre em esportes de aventura, com especial ênfase nas corrida de orientação.  <b>Ementa</b> – Abordagem histórico-evolutiva da orientação como esporte competitivo incluindo seu mapeamento, descrição de postos de controle, regras de competição, técnicas de navegação, aspectos educacionais, ecológicos e de inclusão social, preparando o profissional para a organização e o controle de competições de orientação e para seu emprego nos esportes de aventura em que a orientação e a navegação sejam elementos relevantes.</li> <li>• <b>Fundamentos De Orientação, Cartografia E Navegação Terrestre – optativa</b>  <b>Objetivo</b> – Desenvolver habilidades práticas no uso de bússolas, receptores GPS de navegação, mapas de orientação, cartas topográficas e outros tipos de cartas específicos.  <b>Ementa</b> – Navegação por controle visual, por distâncias percorridas, por direções e por coordenadas. Uso de bússolas e de receptores GPS. Azimutes e sistemas de coordenadas. Cartas de orientação, cartas topográficas, cartas náuticas e cartas especiais. Navegação em vias de acesso bem definidas, navegação em vias de acesso precário e fora de vias de acesso. Procedimentos emergenciais de navegação.</li> </ul>

Universidade de Brasília	Sim	Sim	Não
Universidade Federal da Grande Dourados	Sim	Sim	Não
Universidade Federal de Goiás	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Mato Grosso	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	Sim	Sim	Não
Universidade Federal da Bahia	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	Sim	Sim	Não
Universidade Federal da Paraíba	Sim	Sim	Não
Universidade Federal de Alagoas	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atividades Físicas na Natureza</b> - optativa</li> </ul> <p><b>Ementa.</b> Estudo das atividades físicas na natureza: classificação e perspectivas de intervenção. Educação ambiental. Fundamentação básica e vivência prática de diferentes atividades físicas de aventura na natureza. Atividades físicas na natureza: classificação e perspectivas de intervenção.</p>
Universidade Federal de Pernambuco	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Esportes de Aventura</b> – optativa</li> </ul> <p>Abordagem teórico-prático dos esportes de aventura. Conceitos históricos, características, modalidades e organização de expedições e competições. Necessidades geográficas (loais de pratica) e equipamentos de segurança para aplicação das modalidades. Conscientização ecológica e legislação Ambiental.</p>
Universidade Federal de Sergipe	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atividades físicas no meio natural</b> – optativa</li> </ul> <p>Metodologia do ensino de jogos adaptados ao meio natural. Variações de jogos institucionalizados para aplicação em ambientes alternativos.</p>
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Sim	Sim	Não

Universidade Federal de Santa Catarina	Sim	Sim	<p>• <b>Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura – obrigatória</b></p> <p>Atividades físicas na natureza, de aventura e de equilíbrio na educação ambiental: classificação e perspectivas de intervenção. Fundamentação básica e vivência prática de diferentes atividades físicas ao ar livre. Prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino.</p>
Universidade Federal de Uberlândia	Sim	Sim	<p>• <b>Esportes de Aventura – obrigatória</b></p> <p>Propiciar aos acadêmicos do Curso de Educação Física, informações básicas a respeito dos diferentes esportes de aventura e/ou radicais, realizados de maneira lúdica ou competitiva, bem como também, promover maior conscientização da realização dos mesmos em contato com a natureza, sem agredi-la.</p> <p>Trata do estudo do surgimento e da prática dos diferentes esportes de aventura (aquáticos, terrestres e aéreos), dos riscos e dos mecanismos de segurança em sua execução, da conscientização de sua realização junto à natureza, sem interferir no seu processo natural de funcionamento.</p> <p>Esportes aquáticos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1)Remo</li> <li>2)Rafting</li> <li>3)Canoagem</li> <li>4)Bóia-cross</li> <li>5)Natação</li> <li>6)Travessia</li> </ol> <p>Esportes Aéreos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1)paraquedismo</li> <li>2)Asa Delta;</li> <li>3)Para-pente</li> </ol> <p>Esportes Terrestres:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1)trecking</li> <li>2)Mountain baike</li> <li>3)Orientação</li> <li>4)Triathlon</li> </ol>

			<p>Outros: 1)Corrida de aventura</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Esportes complementares - obrigatória</b> Conhecer as regras, as normas, as características e o tipo de movimentação pertinente a diversas modalidades esportivas, não contempladas no rol das disciplinas obrigatórias do curso de licenciatura, que abranjam as áreas das diversas lutas marciais, esportes radicais e de aventura, esportes de inverno, esportes paraolímpicos e fitness. Estudo de diversas modalidades esportivas que acontecem em diferentes ambientes e com características próprias. Serão abordados temas de esportes de lutas, fitness, esportes radicais, de aventura de inverno e paraolímpicos.</li> </ul>
Universidade Federal do Espírito Santo	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Amapá	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Recreação e lazer integrada a natureza – obrigatória</b> Não consegui ementa</li> </ul>
Universidade Federal de Ouro Preto	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atividade Física de Aventura – eletiva para licenciatura, obrigatória para bacharelado</b> Não consegui ementa</li> </ul>
Universidade Federal de São Paulo	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Fundamentos das atividades físicas e esportivas VII – Práticas Alternativas e Integrativas - Modular - obrigatória</b> ✓ fundamentos das atividades físicas e esportivas na natureza ✓ Introdução às práticas complementares e integrativas em saúde Não consegui ementa</li> </ul>
Universidade Federal Fluminense	Sim	Sim	Não
Universidade Federal de Minas Gerais	Sim	Sim	Não

<p style="text-align: center;">Universidade Federal de Pelotas</p>	<p style="text-align: center;">Sim</p>	<p style="text-align: center;">Sim</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atividades físicas de ação na natureza – optativa</b>  Estabelecer estudos e discussões sobre a prática de atividades físicas no meio ambiente natural. Identificar a importância da preservação do meio ambiente e sua relação com a Educação Física e outras áreas de conhecimento. Conhecer, organizar e praticar Atividades Físicas de Aventura na Natureza.  <b>Ementa</b> - Atividades Físicas de aventura e ação na Natureza e suas relações com o meio ambiente. Esportes de aventura, Esportes radicais. Turismo de aventura, turismo rural, eco turismo e suas relações com a Educação Física. Modalidades de Atividades Físicas e Esportes na Natureza.  <b>Programa</b>  - Atividades físicas e esportes no meio natural;  - Excursionismo, acampamentos, caminhadas, pedaladas;  - Condutas de mínimo impacto no ambiente natural;  - Equipamentos e material alternativo;  - Trilhas, orientação, mapas, condições climáticas;  - Alimentação, água, fogo, lixo;  - Prevenção de acidentes e primeiros socorros;  - Modalidades de esportes na natureza;  - Planejamento e organização de Atividades Físicas na Natureza. remadas;</li>   <li>• <b>Excursionismo – optativa</b>  Capacitar o aluno a excursionar e acampar sozinho ou em grupo utilizando como transporte os meios convencionais ou a caminhada e/ou bicicleta.  <b>Ementa</b> - Excursionismo e acampamento: preparação, deslocamento, operacionalização, alimentação e cuidados gerais. Caminhada, bicicleta, roteiros e trilhas.:  <b>Programa</b>  1. Política de Educação Ambiental e o excursionista: preservação, sustentabilidade, equipamentos, alimentação, acantonamento e bivaque, metodologia, orientação e acidentes;  2. O acampamento: medidas antes de acampar, tipos de acampamento, escolha do local, material, transporte, refeições e programas;</li> </ul>
--	--	--	--

		<p>3. O <i>trekking</i>, regras de segurança, material, trilhas e atalhos;  4. O <i>mountain bike</i>, regras de segurança, trajeto e recomendações gerais.</p> <p>• <b>Esporte de Aventura – optativa</b>  Conhecer as modalidades de Esportes de Aventura na Natureza. Identificar regras, técnicas e equipamentos das modalidades. Planejar, organizar e participar de competições.  <b>Ementa</b> - Planejamento e organização de competições de Esportes de Aventura. Regras, técnicas e equipamentos de modalidades de Esportes de aventura.  <b>Programa</b>  - Esportes de Aventura e meio ambiente. Características, equipamentos, regras e técnicas das principais modalidades.  - Locais da natureza adequados para prática das modalidades.  - Condicionamento físico e psicológico dos praticantes;  - Modalidades: Corridas de aventura, Corrida de orientação, <i>Trekking</i>, <i>Mountain Bike</i>, Escalada, <i>Rafting</i>, Canoagem.  - Planejamento e organização de competições de Esportes de Aventura.</p> <p>• <b>Esportes Radicais em Meio Aquático – optativa</b>  Apresentar os fundamentos básicos do <i>surfe</i>, <i>kitesurfe</i>, iatismo e <i>windsurfe</i>, para que o aluno possa vivenciar as características e as exigências físicas destas modalidades, assim como o manuseio dos equipamentos utilizados para a prática. Proporcionar um embasamento teórico-prático para atuar como futuro profissional.  <b>Ementa</b> - Evolução histórica, aspectos etnográficos e culturais dos esportes radicais. Fundamentos básicos. Manuseio dos equipamentos. Regras de competição. Princípios básicos em meteorologia e oceanografia.  Programa  Evolução histórica:  - Movimento contracultura;  - Desenvolvimento técnico das modalidades;  Fundamentos básicos:</p>
--	--	---

			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundamentos básicos no <i>surfe</i>;</li> <li>- Fundamentos básicos no <i>kitesurfe</i>;</li> <li>- Fundamentos básicos no iatismo;</li> <li>- Fundamentos básicos no <i>windsurf</i>.</li> </ul> <p>Manuseio dos equipamentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fabricação dos equipamentos.</li> <li>- Técnicas de uso.</li> </ul> <p>Regras de competição</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Campeonatos nacionais e internacionais das modalidades.</li> <li>- Tipos de competição de iatismo.</li> </ul> <p>Princípios básicos em meteorologia oceanografia.:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Direção e intensidade dos ventos.</li> <li>- Direção, altura e período das ondulações.</li> <li>- Pressão atmosférica.</li> <li>- Frentes frias.</li> <li>- Previsões na <i>web</i>.</li> </ul>
Universidade Federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri	Sim	Sim	Não
Universidade Federal de São Carlos	Sim	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Esportes na Natureza – optativa</b></li> </ul> <p><b>Ementa:</b> Abordagem da pedagogia dos Esportes na Natureza em suas diferentes modalidades sob as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, visando o planejamento, a organização e a execução de programas voltados aos contextos formal e não-formal</p>
Universidade Federal de São João Del-Rei	Sim	Sim	Não
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sim	Sim	Não